



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ROSIMARA RODRIGUES DE SOUSA

**MARCAS DA ORALIDADE: o uso da oralidade na escrita dos alunos
do 6º ano do Instituto Educacional Uruará- PA**

Itaituba – PA

2019

ROSIMARA RODRIGUES DE SOUSA

**MARCAS DA ORALIDADE: o uso da oralidade na escrita dos alunos
do 6º ano do Instituto Educacional Uruará- PA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a Maria Danielle Lobato Paes

Itaituba – PA

2019

SOUSA, Rosimara Rodrigues.

MARCAS DA ORALIDADE: o uso da oralidade na escrita dos alunos do 6º ano do Instituto Educacional Uruará- PA/ Rosimara Rodrigues de Sousa. Itaituba: CLPL da FAI, 2019.

59 f.

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)- Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de letras, Licenciada Plena em Letras, Itaituba, BR-PA, 2019.

Letras. 2. Educação. Danielle Lobato, Esp. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2019.

ROSIMARA RODRIGUES DE SOUSA

**MARCAS DA ORALIDADE: o uso da oralidade na escrita dos alunos do 6º ano
do Instituto Educacional Uruará- PA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
faculdade de Itaituba para obtenção de título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Danielle Lobato
Paes

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Danielle Lobato, Especialista

Avaliadora 1: _____ Nota: _____

Prof.^a. Raimunda Bentes, Especialista

Avaliadora 2: _____ Nota: _____

Prof.^a. Walbea Lúcia Lobato Martins, Especialista

Resultado _____ Média: _____

Data: 22 de março de 2019.

*A Deus, pois tudo acontece por sua
devida permissão e desejo. Aos meus
pais que me ajudaram muito ao longo de
toda minha vida, e ao meu filho por está
sempre ao meu lado.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que me fortalece a cada dia porque as minhas conquistas devo tudo a Ele, pelos dias e noite que chorei e clamei a ajuda e que tudo que pedi à Ele, Ele me atendeu. Aos meus pais que são as pessoas mais importantes da minha vida e que quando eu comecei a cursar a faculdade me deram muitas forças para que eu não desistisse, por está longe de casa e longe do meu filho que tinha apenas 04 anos, com todas as dificuldades sempre me ajudaram no que eles puderam, as vezes que me entristeci, sempre me apoiaram e nunca me deixaram resolver nada sozinha.

A meu filho que também é uma das pessoas mais importantes da minha vida e que tão pequeno já teve que se distanciar de mim, mas que nunca saia dos meus pensamentos, e que quando eu chegava a casa não queria mais largá-lo.

Meus irmãos Robson Rodrigues, Rogério Rodrigues, Rodrigo Rodrigues, Rosivan Rodrigues e Marcio Rodrigues. As minhas irmãs Rosimeire Rodrigues e Franciele Andrade por todo apoio. Em especial, minhas colegas de Faculdade Alice Juvenal que foi uma benção ter a conhecido. Deus fez com que nos conhecêssemos no momento em que mais precisei psicologicamente na faculdade, momentos delicados. A Josiane Teixeira que sempre esteve também ao meu lado, Nathali Bezerra que também sempre esteve comigo na faculdade. Dielde Aguiar que foi uma das primeiras pessoas que conheci e que me acolheu de braços aberto na sala e que tenho um carinho muito especial. As meninas do alojamento, Samara Cassiano, Alice Juvenal, Josiane Teixeira, Ângela Ciriaco, Katia Oliveira, Rosimeire Rodrigues, Franciele Andrade, Jacilene Rodrigues.

Ao José Costa que para algumas pessoas pode ser apenas um funcionário da FAI, mas para mim é, e vai ser sempre um grande amigo, pessoa que me ajudou muito. A Marleude Santos, Eulene Sousa e ao meu tio Francisco Cândido. Essas pessoas me ajudaram bastante durante a fase do meu TCC, sou grata a eles. As professoras Danielle Lobato, Raimunda Bentes e Mara Aparecida, que dentro de quatro anos fizeram uma grande mudança em minha vida, tanto como acadêmica, quanto como pessoa, através de seus ensinamentos e muitas vezes também através de conselhos. Pessoas que de certa forma marcaram minha vida e que nunca irei esquecer-las.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”.

Cora Coralina

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo conhecer os variantes linguísticos presentes na fala e na escrita dos alunos/alunas do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Instituto Educacional Uruará, no município de Uruará - Pará, onde os mesmos possuem características de fala e escrita presente na conversação no meio social em que vivem. É necessária a compreensão das diferentes formações regionais da língua falada que se apresenta na localidade. Na realização desse trabalho foi utilizado como metodologia uma redação e entrevista oral, sobre relatos de viagens, analisando a fala e a escrita dos alunos, observando também a presença da fala dentro da escrita. Diante disso, após serem feitos alguns levantamentos sobre a marca da oralidade foi detectado que os alunos utilizam oralidade dentro da escrita e para resolver esse problema, ou pelo menos amenizá-lo, é preciso que a educação escolar tenha por responsabilidade incluir em seu processo de ensino as diferentes formas de falar que se desenvolvem e apresentam em seu ambiente, e ainda, incluir os demais alunos, elucidando que as diferenças linguísticas fazem parte da construção histórica de cada local, ainda mais quando se trata de um país tão eclético na formação cultural e linguística como o Brasil que possui uma variante diferente de região para região. Diante deste contexto, a diversificada formação cultural local, onde a presença da fala e da escrita é do mesmo jeito, deve ser propostos pelos docentes como valorização, mas, também uma aplicação de novas metodologias em que aos poucos a norma culta padrão tão exigida para preparação de dissertações a níveis mais elevados de escolaridades devem ser iniciadas e aprimoradas no decorrer de sua vida estudantil.

Palavras-chave: Língua, fala, escrita, linguagem popular, norma culta.

ABSTRACT

This work of conclusion of course (CBT) aims to meet the linguistic variants present in speech and writing of pupils/students of the sixth grade of Elementary School Educational Institute Uruará Municipal, in the municipality of Uruará-Stop, where the same have characteristics of speech and writing this in conversation on the social environment in which they live. It is still necessary to understanding of different regional formations of spoken language that presents itself in the locality. In conducting since work was used as an essay and oral interview methodology, on travel reports, analyzing the speech and writing of students, noting also the presence of speech in writing. Given that, upon being made a few surveys on the mark of orality was detected that students use in writing and orality to resolve this problem, or at least ease it, school education has responsibility include in your educational process the different forms of which develop and present in your environment, and include the other students, clarifying that the linguistic differences are part of the historical construction of each site, especially when it comes a country so eclectic in cultural and linguistic training as the Brazil that has a flavor difference from region to region. In this context, the diverse cultural background where the presence of speech and writing is the same way, must be proposed by faculty as recovery, but also application of new methodologies in which gradually educated standard default so required for preparation of dissertations to higher levels of schooling of education must be initiated and improved in the course of your student life.

Keywords: language, speech, writing, popular language, standard educated.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM: CONCEITO	11
2.2 RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA	15
2.3 NÍVEIS DE LINGUAGEM	24
2.3.1 Linguagem popular	27
2.3.2 Linguagem regional	29
2.3.3 Gírias	31
2.3.4 Norma culta/ padrão	33
2.3.5 Linguagem vulgar	34
2.4. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO	36
2.4.1 Fundamentos Históricos e Teóricos	36
2.4.2. Características conversacionais	39
2.4.3 Marcadores conversacionais	41
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	44
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	45
3.2 LÓCAL DA PESQUISA	47
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	48
3.4 COLETAS DE DADOS	48
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	49
4.1 TEXTOS DOS ALUNOS	50
4.2 ENTREVISTA	52
5 CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

A temática desta pesquisa aborda o uso da oralidade na escrita dos alunos do 6º ano, fazendo um estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará, localizada no município de Uruará - Pará, na qual foi observado que os alunos apresentaram dificuldades nas produções textuais, de forma que pode se perceber que os mesmos não tem o prazer pela leitura, sendo que a falta de leitura interfere negativamente na qualidade da escrita.

A relevância e a escolha do tema são frutos de uma preocupação advinda com a prática docente, observando que os alunos sentem dificuldade de passar para o papel suas ideias. Com isso, propõe-se com esta pesquisa, analisar as marcas de oralidade presentes nas produções escritas, para que se esclareça que a escrita não é da mesma maneira que a oralidade, apontando meios para resolver esta dificuldade dentro da sala de aula.

Além disso, outros objetivos específicos foram propostos como: revelar a diferença entre oralidade e escrita; mostrar como escrever as palavras corretamente, para que os discentes desenvolvam redações expressando-se de forma em que o texto tenha diversos tipos de palavras que não detectam marcas da oralidade, buscando atividades com que explicam sobre oralidade na escrita. Após traçados os objetivos, algumas questões norteadoras surgem como pontos a serem analisados: Há marcas de oralidade nas produções escritas dos alunos do sexto ano em grande recorrência? Quais as causas dos alunos não ter a noção de que estão utilizando as marcas da oralidade? Quais as maiores dificuldades dos alunos para produzirem textos escritos?

A partir dos objetivos e questões traçados, buscou-se como caminho metodológico a pesquisa de campo, realizada após um levantamento bibliográfico sobre o tema. Os participantes da pesquisa foram os alunos de sexto ano do ensino fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará, apresentando o perfil de cada um com idade e naturalidade. Os teóricos como: Fiorim 2013, Palomanes, Marcuschi e Dionisio 2007, Casagrande 2008 dão ênfase no tema, ajudando a entender a diferença de fala e escrita.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, na qual a introdução vem apresentando a temática, a relevância, objetivos norteadores e os teóricos. O segundo capítulo, aborda a fundamentação teórica que fala sobre a língua e

linguagem e seus conceitos onde explana a relação entre fala e escrita. O terceiro aborda sobre a metodologia da pesquisa e tipos de pesquisa utilizada no trabalho. No quarto capítulo foi abordado sobre resultados e discussões, apresentando o resultado do trabalho. O quinto capítulo, apresenta a conclusão relatando o problema e apresentado resultados da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM: CONCEITO

Historicamente, alguns autores conceituam o que é língua e linguagem, dando opiniões diversas, mas sempre mostrando sua importância dentro da sociedade. Algumas dessas definições estão elaboradas em síntese por diferentes autores.

Aulete (2004, p. 495) destaca que “A língua é um sistema de comunicação e expressão verbal de um povo, nação, país etc., que permite aos usuários expressar pensamentos, desejos e emoções; IDIOMA; maneira de falar ou de escrever característica de um autor, movimento ou época”.

Por meio da língua, as pessoas se expressam e transmitem mensagens que são entendidas pelos interlocutores inteirados em uma determinada localidade, que são utilizadas como linguagens regionais, onde os mesmos criam suas próprias palavras no modo de falar que se torna seu próprio dialeto.

Conforme Brasil (2001, p. 24), “A língua é influenciada na sociedade, e que por meio dela é que se tem a possibilidade de entender a realidade do mundo e seus significados. Além disso, possibilita a inserção do cidadão no meio social e cultural, abrindo um leque de significados que facilitam as múltiplas possibilidades de interação”.

Através da língua, podemos nos manter dentro de um âmbito social, de comunicação, facilitando a nossa vida quanto olhar, falar e agir, principalmente a comunicação no trabalho, que nos deixa bem ágio em proporção do que se pode ser dito ou resolvido, através dela podemos nos localizar, nos locomover e nos adaptar em diferentes ambientes e de diferentes modos.

A língua, enquanto legado histórico e cultural se apresenta com um sistema de regras e normas instituídas, cujas existências estão vinculadas a uma atualização constante através da fala, que é permanentemente estabelecida nos processos interlocutores. Tais processos devem ser entendidos como formas de expressão e de intercâmbio que constroem o universo discursivo. A língua, pois, é um instrumento a serviço do homem, indispensável para sua vivência no mundo (ANGELA; PALOMANES, 2012, p. 20).

A língua é modificada em lugares com culturas diferentes, assim criando uma função de aprender como se processa essa modificação da língua, dentro de um

âmbito em que todos se comunicam e entendem a mensagem transmitida através de expressões que também é importante entre interlocutores para que haja um entendimento de ambas as partes, em uso da língua que não tem como ser dispensada nesse universo de transformações e interações sociais.

Fiorin (2013, p. 14) ressalta que “a língua é um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade, em que as pessoas possam se comunicar através de sons e gestos que são desenvolvidos no seu ambiente, dentro da cultura local de um povo”.

A língua tem grande relevância também dentro de uma comunidade, pois dá suporte de como as pessoas vão agir conforme o convívio com outras pessoas, havendo interação entre os mesmos que interagem através alguns sons e signos facilitando ainda mais rapidez a comunicação e interação da comunidade.

De acordo com Dioniso (2007, p.16) “Mesmo quando uma comunidade tenha modificado a língua em questões culturais, onde é seguida e faz presente em seu dia a dia, não se deve deixar de fazer utilização de suas regras que devem ser mantidas”.

As regras da gramática que tem como função padronizar a língua em todo o país ou lugar. Faz-se necessário a utilização da mesma. Pois, quando utilizamos a língua, temos uma visão diferente de mundo e aprendemos a nos comunicar em diversa circunstância em que a vida nos proporciona.

Seguramente, todos concordam que a língua é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura. Mais do que um simples instrumento, a língua é uma prática social que produz e organizam as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento [...] ela é atividade conjunta e trabalho coletivo, contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais (DIONISIO, 2007, p.14).

As palavras que são usadas no dia a dia das pessoas têm a ver com identidade de cada um. Ou seja, já define de que região a pessoa nasceu ou que a pessoa vive, mostrando o seu envolvimento linguístico nas sociedades em que o mesmo é inserido, identificando até o nível social das pessoas também dentro de uma comunidade.

Angela e Palomanes (2012, p.19, 20) fala que “A língua, portanto, traz, em si, toda a história de um povo e só existe de modo completo dentro do grupo social”, manifestando-se através da fala, que é a utilização individual do código linguístico”.

Assim um grupo usando a língua própria então ela passa a existir dentro de um processo transmissório, por exemplo, os indígenas que se comunicam de modo diferente, onde a comunicação é uma identidade do local de morada relacionada à sua própria história.

Angela e Palomanes (2012, p.19,20) salientam que “a língua que a utilizamos não transmite apenas nossas ideias, transmite também um conjunto de informações sobre nós mesmos”. Certas palavras e construções que empregamos indicam que somos socialmente, ou seja, em que região do país nascemos, qual nosso nível social e nossa escolaridade.

Segundo a autora, no momento em que se faz o uso da língua, se estar transmitindo e adquirindo conhecimento de mundo nas vidas das pessoas, tanto no profissional como no pessoal, informações essas que podem fazer transformações ajudam muitas vezes em questões que podem ser norteadoras em prol de algo que se deseja conquistar.

A linguagem é a capacidade da espécie humana de comunicar-se por meio de signos. Todos os seres humanos, independentemente de sua escolaridade ou de sua condição social, a menos que tenham graves problemas psíquicos ou neurológicos, falam. A linguagem responde a uma necessidade natural da espécie humana, a de comunicar-se. No entanto, ao contrário da necessidade de comer, dormir, respirar, manter relações sexuais, etc. (FIORIN, 2013, p. 14).

A linguagem é indispensável na vida do ser humano, ela nós proporciona estar em diferentes ambientes e nos comunicarmos com várias pessoas, mas em alguns grupos sociais eles adquirem diferentes formas de linguagem que é considerado cultura dos mesmos, onde se comunicam facilmente, porém que só eles entendem. Podemos afirmar que a linguagem de quem mora na Bahia é diferente de quem moram no Pará, palavras diferentes que são utilizadas para situações iguais, pois como os estados diferentes e a comunicação se torna também diferente.

A linguagem verbal possibilita ao homem representa a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento, dando autoridade para se comunicar perante a sociedade, comunicando ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes. (BRASIL; 2001, p. 24)

A partir do momento em que a mesma consegue interagir e entender o que lhe está sendo direcionada a comunicação em diversas circunstâncias, ela consegue

fazer uso da linguagem em si, liberando ideias e apresentando capacidade de transferir diversos conhecimentos perante a sociedade fazendo com que os seus entendimentos seja compartilhado com outros que convivem juntos em ambientes de trabalho ou até mesmo familiares.

Fiorin (2013) afirma que “o ser humano precisa saber que a linguagem é muito importante para a vida, para que os mesmos possam até adaptar-se em certas circunstâncias que são estabelecidas na vida e no seu cotidiano, que exige da utilização da língua”.

A linguagem está em todos os lugares em que são frequentados e para que as pessoas possam ter entendimento de questões como “*para onde vão?*” ou “*onde é alguma coisa?*”, também utilizando os códigos em lugares que se exigem. Exemplo disso, temos o trânsito, onde a comunicação é através de placas e sinalizações.

Língua e linguagem são facetas de um processo mais abrangente a comunicação humana dizendo que o termo linguagem possui mais de um sentido pode ser usado para referir a qualquer processo comunicacional – inclui-se, sentido, a linguagem das artes, a linguagem corporal, a linguagem dos sinais, ou na visão dos linguistas é a da capacidade de inerente humana de se comunicar por meio da línguas (ANGELA; PALOMANES, 2012, p. 19).

Tratar da relação língua e linguagem é apontar para um ponto indispensável na comunicação humana, pois são por meio de palavras, gestos, imagens, sons, que os interlocutores sabem quais as mensagens que os locutores estão transmitindo, e com isso torna-se uma forma de entendimento entre pessoas do mesmo nível e da mesma cultura.

Fiorin (2013) conclui que a linguagem é comum a todos os homens, “Não há diferença de natureza entre as línguas. As distinções entre elas são culturais. Não há línguas simples e línguas complexas. Todas são línguas e tem determinadas propriedades e características, que são universais”.

Precisa-se da língua e da linguagem em todos os momentos para que possamos até nos mover, por exemplo, andar de carro. Para andarmos no trânsito onde se precisam fazer algumas comunicações através da linguagem não verbal, a língua é a principal forma de comunicação entre os homens, seja ela verbal ou não verbal, na busca de trocas de informações e conhecimento a respeito da vida e da ciência.

Tais ideias são reforçadas no Brasil (2001, p. 23-24) de Língua Portuguesa “a linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, redigir uma carta ou diferentes práticas sociais das quais se podem participar”.

Para fazer utilização da língua e da linguagem não se necessita ter um estudo avançado, mas cada nível de escolaridade ou cada comunidade, cada região tem uma forma diferente de comunicar-se, sendo através de gestos ou articulações. Sabemos que a comunicação é essencial na vida dos seres humanos, se não fosse comunicação o mundo seria diferente. Através da comunicação também temos desenvolvimentos de pessoas quanto suas personalidades e desenvolvimento intelectual dentro da sociedade facilitando o modo de vida. Sendo visível aos olhos dos mesmos que fazem com que a comunicação se torne mais desenvolvidos dentro de grupos de trabalho, de escola, também grupos religiosos e etc.

2.2 RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA

Para alguns estudiosos da língua, fala e a escrita são duas formas de comunicação dentro da sociedade, em que as pessoas obtêm um entendimento. Não se pode dissociar fala e escrita ou afirmar que a escrita é a representação da fala. A fala e a escrita são dois corpos que precisam ser tratados, sempre relacionando suas particularidades específicas.

Conforme Aulete (2004, p.361), “A fala e a escrita são duas formas de comunicação dentro da sociedade, em que as pessoas obtêm um entendimento, a fala é ação ou resultado de falar, aptidão ou capacidade de se expressar verbalmente, maneira de pronunciar dicção.”

Ao nascer, uma criança comunica-se com a mãe através do choro, e ao passar do tempo, ela começa a falar suas primeiras palavras, assim iniciando uma comunicação através da fala e do som, porque o ser humano só fala por intermédio de um som e com isso a criança aprende a língua materna.

Dionisio (2007, p. 178). “Ao falar, não é utilizado só à voz, mas também o corpo, com gestos, maneios de cabeça, entonações que podem sinalizar uma

pergunta, uma crítica, um elogio. Isso significa dizer que a fala é multimodal, visto que se realiza através de recursos verbais.”

O nosso país é muito extenso, temos falantes de várias regiões, e cada região tem um jeito próprio de falar e de comunicar-se que é referência de cada lugar, onde as pessoas que convivem entendem quando alguém deseja falar algo e usa não só as mãos, mas também fazem articulações.

Seria interessante observar que, até a década de 80 do século xx, poucos se dedicavam aos estudos da relação entre fala e escrita. Quem trabalhava o texto falado raramente analisava o texto escrito. Havia uma espécie de ignorância mútua, mas o pior é que grande parte das observações feitas sobre a fala eram em geral fundadas nas normas que a gramática da escrita codificou. Isso é um equívoco porque se passa analisar a fala pela lente da escrita. Assim, um dos interesses dos estudos aqui apresentados é mostrar que tanto a fala como a escrita devem ser observadas com uma metodologia e com categorias de análise adequadas (MARCUSCHI; DIONISO, 2007, p. 23).

A fala e a escrita tem que ser trabalhadas juntas, pelo simples fato do nosso país ter várias regiões, e cada uma com sua própria cultura em que as pessoas têm toda liberdade de expressar-se tanto falando quanto escrevendo. Para isso acontecer deve-se ter uma comunicação que dá direcionamento a fala que é produzida e identificada dentro de cada comunidade, tendo como cultura dos seus próprios habitantes.

Em cada comunidade a fala é diferente, cada lugar tem seu próprio jeito de se comunicar por influência da língua materna, onde as crianças aprendem a falar do jeito dos pais onde é relacionado o sotaque da região onde as os falantes moram. Aulete (2004, p 329) “A escrita é a ação ou resultado de escrever, representação da língua falada por sinais gráficos, conjunto de símbolos e letras adotado em um sistema de sinais gráficos”.

Quando se inicia uma conversa entre amigos, é necessário fazer a utilização verbal para que possa haver um entendimento entre ambas as pessoas que estejam incluídas na conversa, sendo que os mesmos podem interagir no momento em que fazem uma comunicação, a escrita também é uma forma de comunicação, sendo através de sinais gráficos que são transmitidos em folhas de papéis ou computadores. Casagrande (2008, p. 726).

O ser humano é educado conforme seu nível social, com isso as pessoas falam conforme o que lhe foi ensinado em sua casa com seus pais, criando hábitos

diferentes e nas maneiras diferente de se expressar. Eles se expressam de forma em que lhe foi transferida durante seu crescimento, com isso em todos os lugares em que se anda e em que trabalha é utilizado os seus hábitos que lhe foi ensinado com a família.

Na fala os falantes estão em presença e o enunciado se constrói ao mesmo tempo em que há interação dos interlocutores e pode haver negociações entre os interlocutores do processo de produção, planejamento e execução do que está sendo dito.

Para perceber essa diferença é quando a comunicação se faz com pessoas que moram em lugares diferentes do país, como exemplo uma pessoa que mora na Bahia e outra que mora no estado do Pará, que quando iniciam uma conversa se tem uma grande diferença entre palavras diferentes, mas com mesmo significado.

Tanto fala como a escrita se dão num continuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de dois contínuos sobrepostos. Isso equivale a dizer que tanto a fala como a escrita apresentam um continuo de variações, ou seja, a fala varia e a escrita varia. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 57).

Uma vez que as pessoas falam e se comunicam através da fala, não necessita de corrigir a mesma, porque quando há entendimento, há evolução de palavras e conceitos, palavras podem ser diferentes, mas os significados podem ser iguais em diferentes regiões do país. Marcuschi e Dionisio (2007, p. 123) salientam que “A fala é mais utilizada do que a escrita, sendo mais cobrada no dia a dia, e que na maioria das vezes é um objeto de trabalho como exemplo em lojas e rádios”.

O autor afirma que muitos dão mais importância à fala, com isso não preocupam muito com a escrita. Fazendo com que a fala seja o centro das atenções, mas sabemos que é importante e interessante que se faça o uso das duas ao mesmo tempo, pois sabendo distinguir a diferença entre as duas.

Para Marcuschi e Dionisio (2007, p. 41) “A fala seria forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Mas pode envolver aspectos muito particulares em que a oralidade é uma prática bem desenvolvida, no momento de um discurso público ou se submeter a uma entrevista de emprego”.

Porém envolvendo algumas dificuldades encontradas ao longo do caminho, ainda mais quando o assunto é a fala, que pode ser um contexto bem interessante por suas complexibilidade se tratando de oralidade em que tem que ser desenvolvida no dia a dia dentro da escola por diversos tipos de alunos e suas raízes paternas.

Casagrande (2008, p. 731) “a fala e a escrita não há superioridade ou inferioridade, mas uma adaptação às práticas sociais e também que a gramática não é o “monstro” do certo ou do errado, mas o lugar que procura examinar com atenção a língua”. Com muitas regiões e várias culturas, nosso país não tem o uso padrão da língua e é preciso uma adaptação da parte das pessoas, para que haja um melhor entendimento entre elas, como na fala há uma diferença, a gramática exige na escrita.

No momento em que se examina com atenção a língua, mostra-se que a fala e a escrita não são muito diferentes uma da outra, mas que no momento em que o falante se comunica existe sim um entendimento, e no momento em que o escritor se comunica também se tem um entendimento da parte do leitor, mas muitos dos leitores têm que se atualizar com a gramática para que essa comunicação seja completa. Por muitas vezes o escritor tem formas diferente de se expressar, por exemplo; uso das figuras de linguagens, onde só entende quem tem o estudo da gramática.

Tanto a fala quanto a escrita acompanham em boa medida a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as formações e as representações sociais (...). É de grande importância para perceber que tanto a fala como a escrita tem realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos, não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal (MARCUSCHI; DIONISIO 2007, p. 23).

O importante na fala é que o falante pode voltar atrás em que foi falado algo incoerente e mudando uma palavra e até mesmo sua concepção sobre o assunto em que está sendo discutido no momento de uma interação. Onde o falante pode corrigir sua própria fala que por acaso tenha colocado uma palavra inadequada.

Já na escrita ao escrever uma palavra incorreta, o certo é ter a atenção redobrada, onde às vezes se faz necessário que outras pessoas analisam e façam a correção para que algum leitor não venha detectar erros ortográficos ou falta de coerência da parte do escritor. Onde se mostra a diferença entre a fala e a escrita

que uma pode ser feito a correção no momento em que se expressa e a outra tendo que ocultar os erros. Casagrande (2008, p. 726)

os falantes, estão em presença e o enunciado se constrói ao mesmo tempo em que há interação dos interlocutores e pode haver negociações entre os interlocutores do processo de produção, planejamento e execução do que está sendo dito. O falante monitora a própria fala, utiliza-se de entonação, gestos, expressões para acrescentar sentido ao que está sendo dito.

A fala tem muita influência no momento em que um cidadão tenta ser admitido em um trabalho, ao fazer uso de palavras diferentes e até mesmo sotaques diferentes, muitas vezes não são aceitos por pessoas que se dizem de alta sociedade em que não tem o conhecimento das diversas culturas e também da diferença entre fala e escrita.

Marcuschi e Dionisio (2007, p. 09) “A fala está em ordem e não necessita de reparos, correções nem de alterações. Em geral, a fala oferece um nível de corretude gramaticais bastante altos não obstante todas as crenças populares em contrário”.

Até mesmo antes de ir à escola pela primeira vez, e até mesmo antes de saber o que significa a palavra gramática, as crianças já sabem e tem em mente as ordens das palavras e das frases como exemplo disso, é quando elas pedem água. Elas pedem: “_ Mamãe quero água”. Isso é aprendido dentro do seu lar com seus familiares, onde se tem comunicação que facilita a vivência de todos de uma língua usada, mas que pode ser reparada gramaticalmente em alguns aspectos, dependendo do que lê no que trabalha ou até mesmo onde vivem.

Talvez devido a isso é que ainda se ouve dizer que a língua falada não precisa ser trabalhada porque o aluno aprende-a em casa. No entanto, sabemos que concentrar o ensino de Língua Portuguesa apenas na língua escrita é insuficiente. É preciso levar os alunos a refletir a respeito da língua que falamos e a aquisição da escrita (CASAGRANDE, 2008, p. 730).

As escolas precisam dá maior atenção, quando o assunto é a fala dentro das escolas, pois aos alunos que não apresentam o domínio da escrita acabam escrevendo em suas produções textuais o que caberiam somente dentro da fala. Diante dessa realidade os mesmos precisam conhecer a diferença que ocorrem entre fala e escrita, porque é através do que se fala que é produzido os diversos

gêneros textuais e quanto mais cedo for dado essa importância, mais cedo será possível a fala andar de mãos dadas com a escrita.

Marcuschi e Dioniso (2007, 24) afirmam que, “Tanto a fala quanto a escrita são importantes para o nosso dia a dia e para a nossa comunicação em que exigem normas para serem respeitadas e seguidas em cada contextualização realizada conforme a variedade da língua em que se é utilizada”.

Seguindo a norma padrão, que quando se escreve, é importante que seja seguido, regras que é exigida pela gramática, e todos que fazem seu uso já tem conhecimento com a mesma, onde possuirá mais facilidade em usá-la. Hoje em dia em nosso país existe a separação das pessoas em níveis de escolaridade é um ponto de partida para que as mesmas possam ter um entusiasmo para se adaptarem e for apta a fazer a utilização da norma padrão.

Marcuschi e Dionisio (2007, p. 33) “A escrita é tanto uma forma de domínio da realidade no sentido de apreensão do saber e da cultura, como é também uma forma de dominação social enquanto propriedade de poucos e imposição de um saber oficial subordinador”.

Nas cidades grandes hoje em dia está cada vez mais difícil arranjar empregos, muitas vezes pelo simples fato de culturas diferentes, pessoas que migram de um estado para outro, dependendo da cultura, às vezes com diplomas nas mãos não são admitidos, não pelo currículo ou pelo diploma e sim por causa do jeito de falar e de expressar.

No nosso país existem muitos pré-conceito, e um dos pré-conceito é sotaque de pessoas que moram em regiões diferentes, e quando pessoas que se deslocam de sua região para outras, muitas vezes sofrem pré-conceito por seu jeito de falar e de se expressar.

Ao tratarmos da fala e da escrita, não levamos em conta que uma é superior a outra ou que a escrita é derivada e a fala é primária. Consideramos que são duas formas de realização de um mesmo sistema linguístico: a Língua Portuguesa, mas que acontecem de formas distintas, podendo ambas elaborarem textos coesos e coerentes, exposições formais e informais. (CASAGRANDE, 2008, p. 726).

Com isso é detectado que nas escolas continua sendo o lugar que se preocupa somente com o aprendizado da escrita, esquecendo-se da fala que não deixa de ser um fator importante no âmbito escolar como um aprendizado essencial, deixando de generalizar uma ou a outra.

Seguindo-se esse ponto de vista, a fala não precisaria ser aprendida, mas sim revista uma vez que já a usamos desde o berço; mas a escrita, esta sim, precisa ser aprendida na escola. Discordando dessa assertiva, entendemos que a escrita não se aprende apenas na escola, e a fala não envolve apenas o aprendizado espontâneo no dia a dia.

A sociedade cobra muito das pessoas que trabalham fazendo o uso da fala, através da oralidade, em que elas só podem fazer o uso da oralidade dentro da norma padrão. Pois é em que devemos nos atentar, quando se é cobrado da fala, mesmo que a pessoa não tenha um determinado nível de escolaridade, ele se acha obrigada a estudar e seguir certas regras que se é exigida.

Marcuschi e Dionisio (2007, p.41) “Há situações em que sempre agimos oralmente, como no caso de cumprimentos pessoais face a face ou de despedidas, mas também no caso de debates públicos ou privados, telefonemas e em muitos outros momentos, especialmente no ambiente familiar”.

Que seria relacionada menos complexo sendo um complemento e um suporte que a fala teria para facilitar algumas necessidades do ser humano que pode se comunicar em diferentes formas.

A fala é um suporte indispensável para nós seres humanos, por ser uma comunicação mais rápida e ágil no nosso dia a dia, para através dela podermos nos deslocar de alguns lugares para outros lugares distantes, onde pessoas podem resolver seus problemas e entender suas expectativas.

Autores Marcuschi e Dionisio (2007, p. 91) definem que “Nas cidades grandes eram mais aptas a utilizar à escrita, pelo simples fato onde os mesmos apontam que a escrita surgiu e se implantou inicialmente em centros urbanos e tem causas e raízes sociais. Ela interage com as mais diversas estruturas e práticas sociais e por isso mesmo não obedece em todas as culturas aos mesmos passos em seu desenvolvimento”.

A fala está presente em qualquer língua, é notável perceber que a fala das pessoas é influenciada de acordo com o meio em que ela faz parte, seja no meio familiar, social, igreja, rua, escola ou em quaisquer lugares, a fala e a escrita são as principais fontes de comunicação. Mas a fala é a que mais predomina sobre a sociedade, um exemplo disso são as produções escritas de alunos que escrevem de acordo com a pronúncia da sua própria fala e isso se dá pela criação do mesmo que convive com os familiares a passa a falar igual a eles.

Não há como negar que a língua escrita é mais bem elaborada que a língua falada, porque é a modalidade que mantém a unidade linguística de um povo é a que faz o pensamento atravessar o espaço e o tempo. Nenhuma reflexão, nenhuma análise mais detida será possível sem a língua escrita, cujas transformações se processam lentamente e em número consideravelmente menor, quando comparada com a modalidade falada. (CASAGRANDE 2008, p. 729).

Ser apto a falar bem, será uma evolução para escrever bem, no momento em que temos uma sociedade que fala bem, teremos uma sociedade que também escreve bem, isso dentro de uma norma em que se é exigida pela mesma.

Marcuschi e Dioniso (2007, p.89) concordaram que “A escrita apenas introduziu uma nova forma de explicação de um raciocínio que já existia, e não a uma nova forma de raciocínio como tal. Portanto, a escrita não introduz o pensamento abstrato, mas, sim, desenvolve-o formalmente”.

A fala não é tão cobrada quanto à escrita, no momento em que falamos, já falamos com uma segurança de não errar ou de saber que podemos corrigir no ato da fala e já a escrita não, ela vai ter todo um processo em que tem toda uma correção para que o leitor venha a entender o que está escrito.

A fala e a escrita são essenciais dentro da sociedade em que vivemos, e devemos entender que a escrita é exigida muito através da gramática, para que as pessoas escrevam bem, mas a sociedade também cobra a fala, em que os falantes devem seguir regras e normas.

Marcuschi e Dionisio (2007, p. 103) “Corrigir é uma estratégia de formulação textual que se manifesta de forma diferenciada na fala e na escrita. Durante um turno da fala, o falante pode mudar de ideia sobre o que está dizendo naquele momento, pode confundir-se na pronúncia de uma palavra ou ora concordância verbal ou nominal, pode usar uma palavra inadequada por exemplo. Para solucionar os tais problemas, o falante corrige a sua própria fala. Já na escrita, as correções, geralmente, não são vistas pelos leitores, pois o autor usa diversos recursos para não mostrar suas correções”.

A sociedade não perdoa, e faz muitas exigências conforme o que é lhe apresentado. Também temos as escolas que cobram dos alunos a questão da escrita, para que no futuro os mesmos possam ser promissores que estarão aptos a usar tanto a fala quanto a escrita.

A sintaxe da língua falada e da língua escrita se diferencia. Enquanto esta tem a possibilidade de planejar, corrigir e apresentar o resultado pronto fazendo com que o leitor não tenha acesso nem controle sobre o mecanismo de preparação do texto, aquela sucede orações sem a preocupação de estruturar as frases, o interlocutor se preocupa sempre em preencher vazios, o que resulta na presença de parênteses, correções, repetições, paráfrases, marcadores conversacionais. A repetição é um traço característico da Língua falada. É uma forma de evidenciar, enfatizar o que se disse (CASAGRANDE, 2008, p. 727).

Diante disso, é possível perceber que o ambiente em que as pessoas trabalham também podem criar os novos neologismos, ou seja, novas palavras que são criadas a partir de outras já existentes, assim fazendo uso desses léxicos como forma de interação social entre o grupo pertencente. Além disso, há uma diferença linguística nos grupos sociais, como por exemplo, os roqueiros falam de formas distintas dos grupos evangélicos, e ao falarem é perceptível identificar o grupo em que é inserido.

Marcuchi e Dionisio (2007, p. 09) “mais do que uma simples observação da das características da fala, esta é também um momento de oferecer alguns elementos para refletir sobre os processos de textualização da escrita. Trata-se de uma relação de mão-dupla, pois pessoas altamente escolarizadas podem ter influencias da fala na escrita”.

Muitas vezes, pessoas que trabalham com o público só são aceitas se fazem o uso correto da fala segundo a gramática. Essa exigência não é só de uma empresa em que as pessoas serão admitidas, mas exigido também das pessoas que serão atendidas pelos mesmos.

Pessoas que são altamente escolarizadas têm facilidades de se comunicar e de se sair bem em uma conversa ou mesmo em palestras onde se tem um público todo olhando para um palestrante. A forma de ele se sair bem é ser bem estudado, ser leitor e de ser um bom pesquisador, onde faz do mesmo ter influências na fala e na escrita.

Segundo Marcuchi e Dionisio (2007, p. 09) explica que “A fala e a escrita não devem ser tratadas separadamente, elas tem que ser entendidas juntas para que o processo de aprendizagem não tenha muitas dificuldades e que uma completa a outra, dando importância em observar também as características de ambas”.

Dentro de um processo em que mostra suas diferenças e resultados onde pode ser apenas positivo de acordo ao que se ensina referente às mesmas. A fala e

a escrita devem andar de mãos dadas para que se haja entendimento e para que haja coerência e suas falas e atitudes no seu dia a dia.

A fala e a escrita são diferentes, mas que uma depende da outra para que as duas se completem. Uma pessoa que se expressa bem, com certeza escreve bem e tem o hábito da leitura em vida cotidiana, principalmente pessoas que trabalham com comunicação com outras pessoas, em bancos, comércios, agências e etc.

Marcuschi e Dionisio (2007, p. 33) “A escrita é tanto uma forma de domínio da realidade no sentido de apreensão do saber e da cultura, como é também uma forma de dominação social enquanto propriedade de poucos e imposição de um saber oficial subordinador”.

O Brasil é um país bem desenvolvido em que tem uma preocupação muito grande com a educação escolar. Sabemos que não somos uns dos primeiros do mundo na educação escolar, mas hoje em dia é exigido das pessoas que se tenha um bom estudo e um bom entendimento sobre o que se identifica como exemplo um trabalho, onde é exigido a escrita e a leitura dos funcionários, na verdade hoje tudo que se resolve depende de leitura e da escrita para uma boa convivência e para seu deslocamento para qualquer lugar do planeta.

2.3 NÍVEIS DE LINGUAGEM

A gramática prega regras para serem seguida, porém quando um cidadão fala informalmente, transmitindo mensagens para o receptor, e essa mensagem é entendida, se tem uma comunicação, dando a entender que não é obrigado a seguir a gramática normativa para que haja interações entre pessoas.

Silva (2015) “a fala e a escrita, em uma determinada situação de comunicação, apresentam os ditos “níveis de linguagem”. Esses dizem respeito à concordância em que o emissor e o receptor estão para ocasiões distintas. A gramática normativa dita às regras de coerência, entretanto, fala e escrita, especialmente informal, podemos usar elementos que não estão gramaticalmente corretos, mas que são de determinado para o receptor”.

A autora afirma que para que haja entendimento entre as pessoas, necessita-se de diferentes modos de linguagem onde pessoas formam seu próprio jeito de conversar, sua própria linguagem dentro de sua comunidade. Uma interação que faz com que os mesmos sejam entendidos com mais facilidade e desenvolva uma

conversa que pode ser considerada cultura local, dando o entendimento de que existem diferentes linguagens e diferentes ocasiões, que as pessoas devem se adaptar e dependendo da circunstância, muda-se o jeito de comunicar-se.

A autora Araujo (2009) conceitua que “interação verbal entre os sujeitos é possível por meio das palavras e pode ser realizada por meio da fala e/ou da escrita”. Opinião que não é diferente da autora Silva (2015), onde concorda que “havendo interação, há entendimento”.

Dependendo da circunstância em que as pessoas se encontram, as mesmas podem fazer uso de diferentes linguagens. Fazer uso de diferentes níveis de linguagem não é ser incoerente é adaptar-se em algumas situações que se é exigida dentro da sociedade.

No país há vários níveis sociais, dentro dessa concepção também há diferente falares, onde se necessita de ter uma interação, e essa interação é modificada conforme os níveis em que se encontram algumas pessoas, podendo ser por nível de escolaridade e em comunidades de pouco acesso. Portanto, a mensagem transmitida e compreendida pode fazer o uso de diferentes níveis de linguagens que fazem com que haja dentro da interação um jeito privado para se identificar com outras pessoas do mesmo nível.

Isso significa que existem linguagens diferentes para ocasiões distintas, ou seja, em toda situação comunicativa, os falantes elegem o nível de linguagem mais adequado para que tanto o emissor quanto o receptor das mensagens possam compreender e ser compreendidos (ARAUJO, 2009, p 8).

Exemplos que podem ser citados é a linguagem do advogado, que não é igual à de um agricultor, podendo afirmar que quando o advogado se encontra com o agricultor terá que adaptar-se utilizando o nível de linguagem do mesmo.

Uma comunidade pode fazer transformações de linguagem e fazer com que seu acesso à comunicação fique mais fácil de ser desenvolvida, com transformações feitas dentro de suas comunidades onde podem apresentar variações tanto na escrita quanto na fala, fazendo sua própria linguagem e passando de pessoas para outras pessoas, determinando assim uma linguagem local que só pode ser entendida por pessoas que convivem dentro dessas comunidades onde há um conjunto de usuários. Lopes (2007) diz que a língua é um código de que se serve o homem para elaborar mensagens, para se comunicar. A língua escrita, estática,

mais elaborada e menos econômica, não dispõe dos recursos próprios da língua falada.

Seguindo a fala do autor, a língua escrita é mais difícil de ser utilizada pelo fato de seguir regras onde a pessoa que faz seu uso tem que ter muita cautela fazendo com que tudo seja em seu devido lugar, dependendo de vários objetos de que determinam certa organização que é exigida perfeição da parte do escritor. A língua falada não necessita de tantas exigências, por não ter uma correção que se exige perfeição, onde o falante tem toda a liberdade de voltar atrás no que foi dito anteriormente e mudar também suas palavras no momento da interação, que pode também fazer uso de gestos e olhares para melhor entendimento, onde fica uma interação mais espontânea e natural, com isso a língua falada fica mais expressiva e com fácil desenvolvimento.

A comunicação é feita das duas formas, tanto falada quanto escrita, a diferença é que a língua escrita é mais elaborada e mais visada por pessoas críticas, onde exigem perfeição até mesmo numa vírgula que é utilizada dentro de um texto. A língua escrita sempre vai ser diferente da língua oral, não importando a circunstância, a língua escrita sempre vai depender de regras e de obedecer a gramática normativa. Dentro do nível de linguagem a fala tem liberdade de uso, onde o que importa é a transmissão de entendimento e de comunicação onde quer que seja a interação e a circunstância, a fala sempre terá liberdade sem depender de regras por ser livre e espontânea.

Segundo Vallin (2010), explica que O uso da língua tem a ver com o lugar em que as pessoas moram e convivem, e que cada ser tem o seu desenvolvimento individual da sua fala, e com isso também desenvolve a língua. Ora, cada indivíduo sofre a influência da região em que vive, do meio social a que pertence do ambiente em que troca experiências.

Onde pode ser relacionado à sua cultura que influencia muito no modo em que as pessoas agem e falam, com isso criando uma linguagem diferente, ressaltando que algumas coisas que acontecem dentro de uma comunidade encontram-se também o uso de diferentes objetos que influenciam bastante na linguagem local de diferentes povos.

2.3.1 Linguagem popular

Não ter preocupação com a linguagem ou não ter preocupação se está falando certo ou errado é ter uma boa liberdade de se expressar. Em alguns grupos que encontramos em nossa sociedade se tem esse tipo de liberdade quando as pessoas se encontram fora de seus trabalhos, que podem e tem toda liberdade de interagir com os amigos ou até mesmo com a família que falam sem precisar se preocupar com regras.

Silva (2015) discorre que “A linguagem popular é a linguagem usada dentro de grupos de amigos em encontros onde tem toda a liberdade de expressar-se com palavras de diferentes sentidos que também são usadas em família, onde não há preocupação com regras gramaticais”.

A linguagem popular é utilizada em campos de futebol, onde amigos se encontram para jogar, não tendo preocupação nenhuma com palavras que são ditas por jogadores, ressaltando que os jogadores, quando não estão mais em campo fazem uso de outro nível de linguagem diferente, no seu local de trabalho, os mesmo têm regras a seguir e não podem falar palavras inadequadas, que seria muitas vezes uma ofensa da parte dos mesmos para com o público recebido no âmbito de trabalho, dando exemplo do advogado, juiz, médico e etc.

Silva (2015) “Trata-se daquela que é usada de forma espontânea e fluente pelas pessoas. Raramente segue as regras da gramática normativa e é carregada de vícios de linguagem. Raramente segue as regras da gramática normativa e é carregada de vícios de linguagem, tais como pleonismo, cacofonia, barbarismo e solecismo”.

Essa espontaneidade faz com que as pessoas que utilizam essa linguagem tenham liberdade de falar palavras que pela norma culta padrão não é aceita, uma delas é o uso de expressões vulgares que em rodas de amigos são bem utilizadas.

A linguagem coloquial é aquela utiliza de maneira mais espontânea e corriqueira pelos falantes. Esse nível de linguagem não segue a rigor todas as regras da gramática normativa, pois está mais preocupado com a função da linguagem do que com a forma coloquial, o transmitir o conteúdo da mensagem do que vai ser estruturado. De maneira geral, os falantes utilizam a linguagem coloquial nas situações comunicativas mais informais, isto é, nos diálogos entre amigos, familiares etc. (ARAUJO, 2009, p. 11).

Temos o direito de nos comunicarmos com nossos amigos e familiares. Pensando nisso, também temos o direito de nos expressar de forma em que os nossos amigos e familiares entendam, com isso muitas vezes pessoas se expressam utilizando formas diferentes, onde só em seu grupo de pessoas é que entendem o que foi falado, e transmite um entendimento local utilizando falas e gestos.

Lopes (2007) opina que o nível coloquial ou popular é feita nas conversas diária pelas pessoas que tem como costumes conversar do jeito informal, e que não tem preocupação de seguir regras de gramáticas, onde podem fazer o uso das palavras da forma em que desejar, podendo ser no aumentativo como também no diminutivo.

Como por exemplo; temos o uso das interjeições que podem expressar várias situações em que as pessoas se encontram dentro de uma conversa informal, por meio de expressões que podem ser entendidas várias mensagens. Já Vallin (2010), diz que a linguagem popular é o uso que o povo faz do idioma principalmente por causa da influência dos meios de comunicação de massa, com o rádio, a TV, e os jornais.

O autor fala que essa linguagem é bem espontânea sem preocupações de regras, sendo que é utilizada por pessoas que trabalham com comunicação e fazem uso da mesma, por visar a audiência de todos os níveis de linguagem, então sendo bem importante levar entendimento a toda a população que fazem parte dessas formas de comunicações, passando informações e ao mesmo tempo interagindo com o público de forma direta e indireta.

Uma vez que a mídia não fizesse uso da linguagem popular e seguindo as regras gramaticais, estaria atrapalhando o entendimento de muitas pessoas que não fazem o uso formal das palavras, não transmitiria informações e com isso perderia audiência, sendo que muitas pessoas vivem e só utilizam esse tipo de linguagem, como exemplos, existem muitas famílias de comunidades carentes que por falta de escolas nessas comunidades, e elas não têm um nível de escolaridade avançada, nesse caso fazem o uso da linguagem popular que é desenvolvida dentro da família e com amigos.

Essa falta de informações que deveria ser levada por meio da escola, é a gramática, e não é aprendida, então nesse sentido mostram-se vícios de linguagem e que também não é feita a concordância verbal e nem a concordância nominal,

podendo encontrar erros de pronúncias que para a dita comunidade não tem preocupação pelo simples fato de não levar em consideração todas as regras por não ter conhecimento da mesma.

2.3.2 Linguagem regional

Alguns estudiosos se ocupam de entender sobre linguagem popular, para que possamos entender melhor sobre esse processo de linguagem que se diferem umas das outras. Dependendo em qual região as pessoas se localizam, nas quais essas pessoas foram criadas, as mesmas têm suas linguagens e suas próprias maneiras de falar e de comunicar-se com seus conterrâneos.

Para McCleary (2009) “O regionalismo como o próprio nome já diz depende das regiões onde os falantes fazem parte, o Brasil como um país de múltiplas culturas, é comum encontrar pessoas que falam diferente umas das outras de acordo com a região, embora falar a língua portuguesa existe variações que só entendem ou conhecem o significado quem faz parte da região em que esses léxicos são proferidos”.

Em consonância com o autor supracitado o regionalismo é marcado por cultura e a forma como as pessoas veem o mundo ao seu redor, mas também as pessoas que fazem uso do regionalismo para se comunicarem entre si, são ricas em experiência de vida, são observadores da natureza. Diante disso, tem conhecimento que não se adquire em sala de aula. Eles criam dialetos de acordo com suas experiências pessoais e do que veem. É importante ressaltar que os maiores influenciadores da linguagem regional são as pessoas mais velhas, que há muitos anos atrás não tinham como ir à escola, pois tudo que sabiam aprendiam com a família que era a sua convivência da vida toda.

O regionalismo se torna cultura de comunidades fechadas que a utilizam até os dias de hoje por falta de convivência com outros tipos de culturas.

Silva (2015) diz que a linguagem regional refere-se aos falares locais, variações na fala que ocorrem de acordo com o local geográficos onde os falantes estão ou são naturais. O Brasil é um país com extensa faixa territorial e com muitos falantes regionais distintos. O regionalismo é um assunto bastante debatido por várias pessoas do Brasil, onde acham importantes e tem a necessidade de ser entendida. Muitas vezes só pela fala é deduzido de qual região é o cidadão.

A linguagem regional está relacionada com as variações são também chamadas de dialetos. O Brasil, por exemplo, apresenta uma imensa variedade de regionalismo na fala dos usuários nativos de cada uma de suas regiões. Variedades geográficas ou diatópicas são as variantes de uma mesma língua que identificam o falante com sua origem tradicional. Podemos distinguir entre elas: Dialetos: Variantes da língua comum utilizadas num espaço geográfico delimitado. O dialeto é o resultado da transformação regional de uma língua nacional (o idioma). Algumas línguas tem uma origem histórica comum, mas por razões políticas ou econômicas uma delas ganhou status de língua, enquanto outras permanecem como dialetos. Falares: Modalidades regionais de uma língua cujas variações não são suficientes para caracterizar um dialeto. Às vezes, ou mesmo certos tipos de construção de frases. A esse uso regional da língua também dá-se o nome de regionalismo (ARAUJO, 2009, p. 6).

A linguagem regional é cultura local dos estados do Brasil, onde cada região tem sua linguagem, que se difere uma das outras. Onde tem objetos iguais, mas com nomes diferentes, como também diversas comidas típicas que fazem parte da cultura de cada estado. Exemplo à macaxeira, que é chamada no Pará, recebe no Sul o nome de aipim, com isso o Brasileiro passou a possuir as variações linguísticas. Onde encontramos falares diferentes, de regiões diferentes como falares amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro e sulino.

Conforme Araujo (2009), “Dentro do país existem essas variações porque o país é povoado de nacionalidades diferentes, com isso foi transformando o modo de falar das pessoas, onde também famílias de estados diferentes foram se aglomerando no mesmo espaço, formando também novas famílias com novos costumes e resultaram várias culturas dentro de um só país. E que hoje faz parte das riquezas e que procuram respeito reconhecimento por essa cultura que é local”.

A variação linguística em alguns lugares não é reconhecida, como também não é respeitada, sendo considerado erro de fala, mas existe a diferença entre falar errado e fazer uso da variação. No norte do país tem variações que são bem utilizadas como: “pai d’égua”, “espia só”, “mana”, “olha já e outros”, são usados por pessoas que nasceram em Santarém e pessoas de Belém do Pará, variações que não são conhecidas por pessoas que moram em São Paulo por exemplo.

Quando os paraenses fazem uso de suas variações no estado de São Paulo, os moradores desse lugar não sabem os significados, e acham bem estranho, como da mesma forma os Paulistas falarem suas variações no estado do Pará os paraenses também não vão compreender os significados dessas expressões.

Levando em consideração, fazer uso da linguagem regional é para pessoas que nascem em certa região, aprendendo primeiramente a língua materna e depois

desenvolvendo sua cultura com pessoas que convivem no âmbito escolar e na sociedade em geral de seu estado, assim adquirindo uma rica cultura e com isso transmitindo para seus filhos e netos.

2.3.3 Gírias

Hoje em dia a gírias são mais utilizadas no cotidiano das pessoas, mas dependendo do ambiente em que elas se localizam. Encontramos gírias em músicas que muitas vezes retratam modos de vida de pessoas que moram em favelas ou pessoas que moram em locais carentes, e que não frequentaram a escola em seu devido tempo. Também encontramos gírias em poemas que passam a retratar sobre os mesmos temas que vemos nas músicas mostrando liberdade de expressão.

Silva (2015) afirma que a gíria é uma linguagem que dependendo da circunstância em que as pessoas se encontram, é usada com liberdade, essa linguagem é utilizada dentro de grupos de adolescentes espontaneamente com a linguagem popular.

A gíria está presente em todos os grupos falantes de uma mesma língua, até mesmo no qual fazemos parte, como é o caso da nossa família, expressões que quem entende são somente os membros da família, as gírias como forma de comunicação do cotidiano das pessoas é notado por outras pessoas que não fazem parte daquele determinado grupo, portanto através das gírias é possível identificar o grupo social em que as pessoas fazem parte.

Silva (2015) “a gíria é utilizada como meio de expressão cotidiana. A gíria existe dentro de grupos para diferencia-los, pois só os inseridos naquele determinado contexto sabem o seu significado. Bem foi assim que ela começou e ainda é usada em alguns grupos atualmente”.

A gíria foi considerada uma linguagem não formal, que não é reconhecida pela gramática normativa. As pessoas se expressão de formas diferentes, não obedecendo às regras estipuladas pela gramática e que essas expressões não condizem também pelos lugares ou grupos sociais em que são utilizadas. Um exemplo disso são os advogados ou até mesmo um recepcionista de um hotel onde eles são informados de que não se pode utilizar esse tipo de linguagem dando importância à norma padrão, por causa do nível social dos clientes, tanto dos advogados quanto de muitos outros.

Dependendo do grupo, as gírias são diferentes, como em grupo de esportista ou como também de ladrões, que fazem uso das gírias para que só eles entendam as mensagens que está sendo transferida ao destinatário. A autora Lopes (2007) conceitua um pouco mais sobre gírias a baixo:

Ao contrário do que muitos pensam a gíria não constitui um flagelo da linguagem. Quem, um dia, já não usou bacana, dica, chato, cuca, esculacho, estrilar? O mal maior da gíria reside na sua adoção como forma permanente de comunicação, desencadeando um processo não só de esquecimento, como de desprezo do vocabulário oficial. Usada no momento certo, porém, a gíria é um elemento de linguagem que denota expressividade e revela grande criatividade, desde que, naturalmente, adequada à mensagem, ao meio receptor (LOPES, 2007, p. 5).

A gíria está cada vez mais comum dentro da sociedade, Araujo (2009) A gíria é um estilo associado à linguagem (coloquial/ popular) como meio de expressão cotidiana de certos grupos sociais e podem ser incorporadas aos léxicos de uma língua, conforme sua intensidade. As gírias que são bastante usadas entre os falantes de determinados grupos, em função dessa frequência, o autor ressalta que muitas gírias passam a fazer parte do léxico da sua língua.

Com o passar do tempo, elas são incorporadas no nosso dicionário e vão se renovando nos grupos de adolescentes que também fazem uso de novos tipos de gírias que são usadas por falantes que fazem partes de outros tipos de grupos, no entanto, algumas gírias com o passar do tempo podem cair em desuso. Como cita Araújo (2009) é o caso, por exemplo, de uma gíria bastante utilizada pelos falantes nas décadas de 80 e 90: “chuchu, beleza, mas que, atualmente, está quase obsoleta.

Gírias essas que no ano de 2010 quase não se usavam, umas deram lugares a outras. Algumas gírias podem ser encontradas nas músicas de Raul Seixas como: maluca Beleza, e também nas músicas de Roberto Carlos como a palavra: broto que significa mulher nova, mulher bonita. Fazendo com que seja expressões do cotidiano e também como forma de transmitir novas mensagens.

Silva (2015) afirma as pessoas que usam as gírias são bastante criativas e espontâneas. Entretanto, a fala se encarrega de espalhar a gíria e seus significados e, muitos grupos, ainda que não tenham ligação entre si, podem falar a mesma gíria.

Por existir essa espontaneidade, a gíria só é aceita na fala, quando se utiliza a escrita ela já não se encaixa em nenhum contexto, como, por exemplo, em trabalho de faculdades, tanto escrito, como falado, que não é aceito o uso da

mesma, outro exemplo é prova do Enem, que não aceita redações com uso de gírias, sendo exigida a norma padrão, que é o uso da gramática em si.

Silva (2015) “a língua escrita não a tolera, a não ser na reprodução da fala de determinado meio ou época, com a visível intenção de documentar o fato, em casos especiais de comunicação entre amigos, familiares, namorados, etc., caracterizada pela linguagem informal”. A gíria é considerada uma linguagem vulgar, que não faz parte da escrita, pelo fato de ter expressões escritas e faladas que não são adequadas há diversos lugares dentro da sociedade.

2.3.4 Norma culta/ padrão

A gramática normativa carrega muitas regras a serem estudadas e aprendidas pelas pessoas, mas existem muitas dessas pessoas que acham a mesma muito complicada. E que opinam por não a utilizar adequadamente, só que, em lugares de trabalho encontrado-se a exigência do seu uso. Pessoas que são estudadas como advogado, ou até pessoas que trabalham como atendentes necessitam de saber as regras da gramática para que possam falar bem e explicar bem ao seu cliente o que é desejado pelo mesmo.

Araújo (2009), “Cada língua possui sua estrutura e muitas delas possuem um conjunto de regras responsável pelo funcionamento dos elementos linguísticos. Esse conjunto de regras é conhecido como gramática normativa. Nela, os usuários da língua encontram a norma-padrão de funcionamento da língua chamada de “padrão ou culta”, a qual deve, ou pelo menos deveria, ser de conhecimento e acessível a todos os falantes da mesma comunidade linguística ”.

O autor quer dizer que dentro de sociedade há regras de como as pessoas se comportarem, há regras de como as pessoas possam escrever e com isso que cada tipo de linguagem também possui suas regras. Regras que devem ser respeitadas e seguidas, por todos os falantes, que deve ser utilizada já como língua padrão.

Lopes (2004) afirma que “a norma culta, é usada por pessoas cultas e que por pessoa civilizadas, e que essas pessoas aprendem esse uso na escola, que é obrigada a ensinar a gramática desde quando a pessoa começa estudar o terceiro ano do ensino fundamental”. A gramática é muito complexa, mas todo ser humano necessita de entendê-la e aprendê-la, pelo simples fato de saber se comportar na sociedade onde é exigido pelas pessoas.

Hoje em dia é bastante comum saber o nível de escolaridade de certas pessoas só por expressar-se na fala. Vallin (2010) “A norma formal, culta ou erudita segue as regras da gramática oficial que determina o que é certo e o que é errado e como se deve falar ou escrever linguisticamente”.

Pessoas que não fazem o uso correto da gramática muitas vezes não têm oportunidades melhores de empregos, por não saberem expressar-se da forma correta, como manda as regras, e aquelas que fazem o uso correto são as que possuem prestígios social e cultural.

Lopes (2007) “constitui, suma, a língua utilizada pelos veículos de comunicação de massa, (emissor de rádio e televisão, jornais, revistas, painéis, anúncios, etc.). Cujas função é a de serem aliados da escola, prestando serviço à sociedade”.

Alguns estudiosos da língua dizem que, o uso da norma padrão dentro da comunicação é de suma importância ressaltar, que na comunicação de massa é onde se transmite informações do dia a dia e de tudo que acontece no país, que se vive e no mundo, não só pelo desenvolvimento dentro da sociedade, como também dentro da educação que hoje em dia está bem exigido, para que a pessoa saia sabendo como se comportar perante a sociedade do que se é cobrado.

2.3.5 Linguagem vulgar

A linguagem vulgar não se difere da linguagem popular, por não ter regras em suas expressões, as duas tem os mesmos conceitos. As pessoas podem se comportar com toda liberdade e interagir do jeito que bem entender. O objetivo é transmitir a mensagem, e se ela foi repassada e entendida, então não existe preocupação em utilizar a gramática que se dispõe de muitas regras.

Araújo (2009) conceitua que “a linguagem vulgar, igual a popular, porque as duas não seguem as regras gramaticais e tem toda a liberdade de expressão entre familiares e amigos, que por meio de conversas, as pessoas conseguem transmitir mensagens umas para outras, realizando várias interações”.

No olhar do autor, entende-se que a linguagem vulgar também é considerada um vício de linguagem que não respeitam as regras, não fazendo uso da concordância verbal e nominal através da fala. Veja alguns exemplos bastante recorrentes em nossa língua:

“Nois vai”

“Pra mim ir”

“Vamos ir”

“Nois fumo”

De acordo com o autor, as pessoas que fazem uso da linguagem vulgar, não chega perto dos centros civilizados, que é onde convivem pessoas que fazem uso da gramática normativa que é considerada o inverso da vulgar, podendo se expressar da forma que decidirem, fazendo uso até de palavras de baixo calão. Pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, também fazem o uso da linguagem popular, assim sendo transmitida a mesma linguagem para seus filhos.

De acordo com Coachaman (2009), a linguagem vulgar geralmente pode estar ligada com o contato com os pais ou outras pessoas que falam de forma diversificada, assim a linguagem vulgar é usada por outras pessoas, justamente pelo fato de o ser humano ter uma enorme capacidade de imitar e um processo de adaptação muito rápido, o que acaba levando uma pessoa a ter características da fala de outras pessoas, ou até mesmo grupos sociais.

A linguagem vulgar pode está presente em qualquer lugar, seja formal ou informal, na rua, no mercado, numa roda de conversa entre amigos, até mesmo no banco, que as pessoas têm toda liberdade de se expressar e que não precisa se prender a uma norma.

Pessoas que fazem uso do vício de linguagem são consideradas as que não foram na escola ou as que são semianalfabetas, que foram a escola, mas não continuaram com os estudos e analfabetas que nunca forma a escola, com isso, podendo ensinar seu familiares a ter o mesmo comportamento fazendo o uso das palavras erradas (VALLIN 2010, p. 10).

Em conformidade com o autor supracitado, a linguagem ocorre naturalmente e não é permanente, a linguagem evolui e juntamente com ela a sociedade também muda, esse processo de mudança ocorre ao longo dos anos, pois as gerações vão mudando e os níveis e a maneira como as pessoas se comunicam nunca é a mesma de gerações passadas. Além disso, a linguagem vulgar está muito ligada com a língua materna, onde é exatamente que ocorre o processo de aquisição da linguagem de uma criança.

Ainda em conformidade com Coachaman (2009), “A linguagem vulgar se encontra nas classes sociais menos favorecidas, desprovidas de uma posição social privilegiada, veem na utilização de termos de baixo calão uma oportunidade de ostentar uma imagem vinculada a valores como força e poder”.

Há um processo de adaptação de linguagem de acordo com quem se fala e do que se fala, um exemplo disso é quando uma pessoa que não tem domínio sobre a linguagem culta ao falar perante uma autoridade, busca em sua fala usar a melhor maneira de se comunicar.

Em alguns lugares do Brasil é utilizada a linguagem vulgar onde não era frequente ter escolas e que essas pessoas foram criadas com pais que também não foram alfabetizados e que tudo que se aprende sobre falar foi passado de pais para filhos e de avós para netos, onde se acreditava em que tudo que se falava era certo, na verdade para eles eram, porque os mesmo não ouvira falar de outras formas. Então a linguagem coloquial tomou de conta desses lugares.

Essa linguagem se torna muitas vezes uma cultura local de uma região pouco povoada, ao mesmo tempo em que também é a língua materna, é importante que as pessoas entendam que isso não atrapalha na mensagem que é transmitida do locutor e do interlocutor que moram nessas comunidades. Podendo frisar também o modo em que essas mesmas pessoas se movimentam e que através desses movimentos também transmite informações. A linguagem vulgar ainda é bem usada por pessoas que hoje são estudadas, mas que foram criadas por analfabetas.

2.4. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

2.4.1 Fundamentos Históricos e Teóricos

Teóricos e historiadores, falam sobre a importância da análise da conversação, e dão suas opiniões, cada um falando o que realmente entendem sobre o ato da conversação, enfatizando a conversa e modo de como as pessoas age ao transmitir mensagens.

Segundo Preti, (1999, p. 18) “a conversação é o ato de conversar, quando duas ou mais pessoas fazem comunicação e conseguem transmitir mensagens umas para as outras. Onde as pessoas se voltam a um assunto e durante a

conversa fazem trocas de ideias, recebendo e dando opiniões sobre certos assuntos que estão envolvidos na fala das mesmas”.

Nós seres humanos nos comunicamos de varias formas, com diferentes pessoas, podemos nos comunicar através de gestos como, por exemplo: o olhar, articulação com as mãos e etc. Podemos nos comunicar também com músicas e outros, mas na maioria das vezes através da conversa, que é a mais utilizada por nós.

A conversa é utilizada pra tratar vários assuntos que aparecem no dia a dia das pessoas, principalmente em lugares onde se tem auditório e se faz reuniões, palestras e outros, que é uma das melhores formas de se comunicar com as pessoas, onde podemos nos expressar contando nossos pensamentos e nos dirigindo com ideias e conceitos criados por certos ensinamentos e aprendizados que adquirimos durante estudos e convívio com a sociedade, seja ela qual for.

Marcuschi, (2003, p. 06) afirma que “a Análise da Conversação (AC) iniciou-se na década de 60 na linha da Etnometodologia e da Antropologia cognitiva e preocupou-se, até meados dos anos 70, sobretudo, com a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores”. O autor afirma que a análise da conversação deu um sentido no que desrespeita a questão social e a interação que acontece dentro da mesma.

Muitos tiveram a ideia de estudar, sobre a conversação que foi onde entenderam que a mesma predomina dentro da sociedade e tem o maior papel direcionado a interação, e que tem uma organização importante quando se direciona a uma conversa entre interlocutores.

A analisar trechos de gravações de pessoas que ligavam para um centro de apoio as suicidas em potencial, Sachs descreveu, juntamente com seu então colega. Garfinkel, os métodos que as pessoas comuns utilizam para realizar ações no mundo através da fala-em-interação. Os estudos de Harvey Sack foram interrompidos por sua morte prematura, em 1975, mas suas aulas foram transformadas em uma obra chamada *Lectures in Conversation*, organizada por Gail Jefferson e com texto introdutório de Emanuel Schegloff, que funda os pilares da abordagem analítica conhecida como AC (SILVA, OSTERMANN E ANDRADE, 2009, p. 03).

Hoje em pleno século XXI, é importante que se faça análise das conversas, onde se pode entender e interpretar melhor o que se está sendo dito dentro de algumas conversas. Podemos analisar conversas de pessoas de diferentes grupos

sociais, detectando diferentes formas de falar com usos de costumes e diferentes dicções.

Marcuschi (2003), “fala que a Análise da conversação é ação que se faz na sociedade em que as pessoas pertencem, onde constroem suas próprias vidas, enxergando a realidade em si dentro do espaço em que habitam”.

Fazendo com a convivência na sociedade seja mais prazerosa identificando sua vivência e buscando sua identidade, por meio de falas e uso de linguagens, se identificando com outros falantes e desenvolvendo habilidades perante a sociedade.

Preti (1999) diz que, “A conversação ocorre normalmente na vida cotidiana da pessoa e que isso são efeitos naturais, onde pessoas se comunicam face a face em uma conversa entre falantes em um mesmo lugar”.

Seguindo a ideia do autor, a conversação no dia a dia é feita entre as pessoas da mesma origem social, tendo naturalmente conversas que só elas entendem, transmitindo ideias e conceitos.

A AC é uma abordagem da análise de discurso que foi desenvolvida por um grupo (Garfunkel, 1996; Bensone Highes;1983), que se autodenominam “etnometodologistas”. A etnometodologia é uma abordagem interpretativa da sociologia que focaliza a vida cotidiano como feito dependente de habilidades e os métodos que as pessoas usam para produzi-la. A tendência entre eles é evitar a teoria geral e a discursão ou o uso de conceitos como classe, poder e ideologia, que constituem preocupação central na sociologia regular (FAIRCLOUGH, 2008, p.39).

A conversa é um ato de se comunicar com a sociedade em que as pessoas se encontram. As mesmas necessitam de transmitir mensagens para que outras pessoas entendam, para que haja um entendimento entre ambas, uma fala e outra responde, e logo se tem resultados em que buscam e suas conversas, ondem podem expressar ideias e opiniões.

O autor Fairclough (2008) afirma que, “foram feitos vários estudos sobre alguns aspectos referentes à análise da conversação, onde faziam analise de como funcionava a conversação, como: o desenvolvimento, abertura, fechamento e outros. Com isso foi esclarecido algumas dúvidas que se tinham sobre analise da conversação”.

Estudar a conversação é entender vários modos de falas e comunicações entre as pessoas do mesmo país, mas de diferentes lugares, entendendo que a língua é a mesma, porém a linguagem é diferente, levando em consideração a vida social de todas as pessoas de seu âmbito social.

Segundo Maxwell (2015) a “AC tem certa inquietação referente a descrição sobre falar e interagir, na vida cotidiana das pessoas onde tem a ver com a organização das falas no momento que se obtém uma conversação”.

As pessoas que estudam a linha do discurso, ou interação verbal, tem uma preocupação sobre a organização que podem ser analisadas dentro de arquiteturas gerais, que levam a entender algumas dúvidas que são estudadas dentro de um discurso. Almeida (2008, p. 05)

Os estudos sobre a organização internacional da conversação, de forma geral, estavam preocupados em compreender a organização situacional da ação e os procedimentos utilizados pelos participantes para produzir uma intercompreensão recíproca no curso de interlocuções.

A Análise da conversação procura resultados em ações e atitudes para que as pessoas entendam o que é feito no mundo com suas vivências, e que serve de orientação aos mesmos que fazem uso da conversação para que tenham um entendimento pessoal e profissional, facilitando suas vidas dentro de sociedades em que as pessoas se encontram, buscando respostas para suas pesquisas e suas dúvidas encontradas ao longo de suas vidas.

Conforme a Maxwell (2015) “o objetivo da AC é descobrir, com estudos que analisam a fala, o comportamento de quem faz uso da conversação, querendo respostas de como as pessoas entende e responde quando estão interagindo um com os outros?”. “Saber também como elas se comportam em questão dos turnos das fala”.

A organização das falas e o uso das palavras adequadas em seus lugares, como o uso da concordância verbal e nominal. Onde as frases são organizadas e usadas corretamente dentro da interação.

2.4.2. Características conversacionais

A interação é muito importante entre os locutores, assim um pode entender o outro, no momento em que os dois estão conversando. Essa interação faz parte e tem todo um processo que desenvolve maneiras diferentes do locutor se comunicar um com o interlocutor, podendo utilizar olhares ou articulações.

De acordo com Marcuschi (2003, p.15), “Através da conversação as pessoas buscam interagir de forma em que o locutor tenta passar a mensagem de forma

clara, para que o receptor entenda o que está sendo transmitido, e assim serão montada suas próprias expectativas”.

É necessário que o locutor e o interlocutor estejam em harmonia dentro do que está sendo conversando, um falando e outro receber a mensagem. A mensagem só é transmitida quando se tem entendimento entre os dois ou demais pessoas.

Para que haja o entendimento, é importante que o nível de escolaridade dos envolvidos da conversa seja o mesmo, se houver alguma alteração entre ambos, já fica complicado o entendimento com os mesmos e não se tem um resultado positivo.

Marcuschi (2003, p.16) afirma que “para ter uma boa conversação os interlocutores precisam ter a mesmos conhecimentos de linguagem, que é por meio dela que se tem uma comunicação aplausível, onde o locutor entendera o interlocutor e vice versa”.

Dentro do país existem várias linguagens que conforme o estado em que se vivem elas são usadas. Em comunidades pequenas tem-se o uso de linguagens e gestos que são identificadas somente por as pessoas que na mesma vivem, com esse compartilhamento terá uma interação onde todos desenvolvem conversas dentro dos seus entendimentos.

A cultura tem uma influência muito grande na conversação, onde os interlocutores entendem com mais facilidade quando é transmitido uma ou mais mensagens, entre dois ou mais interlocutores. Como o país tem uma grande extensão, temos falantes de dialetos diferentes, que fazem utilização de palavras diferentes, mas que tem os mesmos significados.

Foram encontradas cinco características básicas constitutivas na conversação, a primeira é Interação entre pelo menos dois falantes; a segunda é a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; a terceira seria presença de uma sequência de ações coordenadas; a quarta a execução numa identidade temporal; e quinta o envolvimento numa interação centrada (MARCUSCHI, 2003, p. 15).

Algumas características são imprescindíveis, seguindo o argumento do autor citado acima, na análise tem algumas informações como essas cinco características, para ser observadas. Na interação de dois falantes se tem conversas dirigidas entre os dois, onde um fala e outro escuta, depois o mesmo que escutou responde assim alterando os lugares, o locutor vira o interlocutor e vice versa, gerando um entendimento entre os dois.

Marcuschi (2003, p.15) “tais características permitem nos tornar a conversação como sendo uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores”.

Essa tarefa é desenvolvida através dos interlocutores, que tem a necessidade de fazer a comunicação entre eles, procurando formas simplificadas do seu cotidiano que desenvolve um entendimento entre os que estão presente dentro de uma conversação.

Em consonância com Marscuchi (2003, p.15), salienta que “a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação, como no caso das conversações telefônicas, onde o locutor e o interlocutor tem uma comunicação, mas sem haver uma presença física”.

O mesmo afirma que quando se fala ao telefone, existe também uma interação onde os interlocutores estão um distante do outro, o autor afirma que é importante que esclareça que uma conversa a distância, por meio do áudio também tem uma interação, onde as pessoas têm seus próprios modos de comunicação em suas vozes, cada um tem seu jeito de falar e que a mensagem que é transmitida ao ouvinte também é entendida havendo uma comunicação de duas pessoas por meio do aparelho telefônico.

É relevante falar sobre a alternância dentro da conversação, onde um fala e outro ouve e depois um ouve e outro fala, onde se tem a forma mais eficaz de ter uma comunicação e bom entendimento entre os interlocutores. Ainda uma das formas de se compreender a organização do texto conversacional é verificar os processos pelos quais ocorre a atuam conjuntamente na construção de diálogo (PRETI; GALEMBECK,1999, p. 55).

A fala possui maior influência sobre a escrita, do que a escrita sobre a fala, porque as pessoas usam mais a fala do que a escrita, e o que predomina então é o que mais se usa.

A alternância tem um papel relevante dentro da conversação entre os interlocutores, no momento em que se faz o uso da alternância se dá coerência dentro de uma conversação, que terão um entendimento e compreensão dentro do que estão focados.

2.4.3 Marcadores conversacionais

Jatoba e Zhenhong (2013) afirmam que “as pessoas que falam o português aprendido com os pais, fazem uso diariamente em conversas com a família ou

amigos, com isso existem muitos marcadores como: “ahã”, “e aí”, “dai”, “olha”, “né”, “tipo”, “tipo assim”.

Sendo usados em conversas informais sem preocupação com a fala e as expressões que são utilizadas dentro da conversa, preocupando-se apenas com a mensagem que é transmitida para o entendimento dos mesmos.

Na Concepção dos autores supracitados, os marcadores servem para que a conversa entre interlocutores tenha um sentido de facilitar a interação entre os mesmos. Os marcadores passam a ser chamados de marcadores conversacionais (MCs).

Jatoba e Zhenhong (2013) explicam que “Os MCs”, iniciais do português muitas vezes é que fazem o os interlocutores usarem como ponto de entendimento dentro da conversa, demonstrando que eles sabem quando podem tornar a falar, confirmando que está interagindo e tendo entendimento do que está sendo expresso no momento da conversa. Sendo que utilizam, por exemplo: “ah”, “ahã”, “bom”, “pois é”, “bem”, “ora”, “mas”, “acho que”, “olha”.

Com base no que foi explanado também são apresentados os MCs mediais se caracterizam pelo processo que é estabelecido dentro de turno, onde fazem também o uso de: “e aí”, “então”, “assim”, “quer dizer”, “sei lá”.

Os MCs finais indicam o final de um turno, onde passa a fala para outra pessoa que está interagindo, com isso fazem uso de algumas marcas conversacionais mostrando que entendeu o que foi citado dentro da conversa. A pessoa que fala certamente faz o uso de: “né?”, “não é?”, “entendeu?”, “viu?”, “certo?”, “está/tá entendendo?”.

Os marcadores possuem tais recursos, e que eles são subdivididos em três tipos de evidências que servem de elo entre unidades comunicativas entre si etc. Eles são chamados de classes de marcadores: **Os recursos verbais:** que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência. Não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação. Alguns não são sequer lexicalizados, tais como “ahã”, “eu”, e muitos outros. **Os recursos não-verbais:** ou paralinguísticos, tais como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, tem um papel fundamental na interação face a face. (MARCUSCHI 2003, p. 61).

Seguindo a linha de raciocínio do autor, os recursos diferenciam o tipo de comunicação entre as pessoas, sendo atribuídas pela necessidade de cada

interlocutor. Cada classe tem suas particularidades, para que os falantes façam seus usos em suas devidas necessidades.

Jatoba e Zhenhong (2013) afirmam que “Quando os enunciados ficam em posições diferentes os MCs também assumem outras posições quando os interlocutores assumem lugares diferentes, se posicionando tanto no começo, quanto no meio, como também no final de uma conversa”.

Os marcadores conforme são usados, podem ser trocados de posições, não é obrigado a utilizar os mesmos seguindo regras. Eles podem ser usados em maneiras diferentes dentro do contexto.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho teve como metodologia primeiramente a pesquisa bibliográfica, para que a pesquisa tenha fundamentos e embasamentos é necessário que tenha autores que tratam sobre o tema pesquisado.

De acordo com Gil (1999, p. 65), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de matéria já elaborada”, um exemplo são os artigos científicos, até mesmo os trabalhos de conclusões de cursos que servem como fonte de pesquisa ao se elaborar um desses trabalhos é preciso pesquisar em obras que tratam do assunto pesquisado.

De acordo com Matias - Pereira (2007, p. 08), “o trabalho acadêmico científico que representa a síntese do esforço do pesquisador, é um requisito parcial para obtenção de títulos”. A ideia dos trabalhos científicos surgiu a partir da necessidade imposta pela competitividade no campo de trabalho que exige do homem reflexão, capacidade de expor suas ideias e, principalmente habilidade para compor suas propostas ou mesmos seus projetos vinculados ao seu cotidiano comunitário e profissional.

Matias-Pereira (2007) *apud* Booth, Colombo e Willians (2000, p.7) para enfatizar essa ideia “pesquisar é reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar á solução de um problema”. Dando continuidade à fala do autor, que ressalta ser importante dispor de um roteiro para a produção de conhecimento como o apoio da metodologia científica sendo algo essencial. Assim podemos permitir o entendimento adequado às regras de produção. Neste sentido Melo e Urbanets (2009, p. 93) afirma:

Da mesma forma a metodologia deve ser fundamentada. É preciso explicar por que se utiliza o questionário ou a entrevista e etc. e essa explicação também precisa ser feita a partir dos autores que embasam os procedimentos para a coleta de dados sempre vinculados aos objetivos iniciais.

Ainda neste contexto Melo (2009, p.56) *apud* Melo Urbanetz (2009, p.152) lembra que é preciso também que o pesquisador atente para as vantagens e os limites dos instrumentos de coleta de dados. Isso é necessário que haja clareza sobre os rumos da pesquisa, tais como para onde vai ou como chegar lá. O autor

afirma que os instrumentos são decorrência da escolha do objeto e do método, e não uma escolha livre do pesquisador. Ainda completando Matias-Pereira (2007,11), ressalva que a partir da investigação, torna-se possível chegar a aceitação, reformulação ou rejeição de uma teoria.

Perante o que foi abordado e relacionado a respeito de metodologia, deve-se, portanto, qualificar o tipo de pesquisa utilizada no referido Trabalho de Conclusão de Curso. (TCC). Contudo a pesquisa deve expor com clareza o elemento estudado. Neste sentido, é importante averiguar qual o método científico apropriado para utilizar no referido trabalho científico sobre o tema. Ainda ressaltando que este trabalho consistiu no embasamento teórico de renomados estudiosos do tema principal, a oralidade e escrita, com levantamento bibliográfico condizente ao tema.

Em seguida, foi feita uma investigação com a comunidade escolar para o enriquecimento e conclusão do estudo de caso, com observação e anotações como exemplo de diferenciadas palavras presente no contexto escolar ou familiar das pessoas observadas para a realização deste trabalho, em que a mesma será embasada na metodologia qualitativa, descritiva e exploratória, onde após a solicitação das redações escritas pelos alunos/alunas do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará, e junto das mesmas foi solicitado aos educandos à explanação de sua história pela acadêmica. Dando continuidade, usou-se o material da pesquisa, para produzir uma análise de dados, em que a leitura das redações produzidas pelos alunos, e a entrevista com conversa impessoal gravada em áudio para documentação na análise final de dados.

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Como metodologia o trabalho teve primeiramente a pesquisa bibliográfica, pois para que a pesquisa tenha coerência e fundamentos é necessário que tenha como fonte primordial autores especializados sobre fala e escrita. Portanto, a pesquisa para melhor embasamento fundamentou-se em teóricos, pesquisadores e estudiosos como: Dionisio (2007), Fiorin (2013), Aulete (2014), Preti e Glembeck (1999), McCleary (2009), Marcuchi e Dioniso (2005), Cereja e Magalhães (2005), Gil (1999), Puc-Rio (2015), Aulete (2014), PCN (2001), Silva (2015), Leão (2013),

Mollica (2010) Coachman (2009). E outros que tratam e discutem sobre os marcadores conversacionais e sobre a produção textual.

3.1.1 Pesquisa de campo com abordagem qualitativa

O presente trabalho foi elaborado na forma qualitativa, para que tivesse um enriquecimento, sendo que foram buscados resultados amplos e eficazes, com entrevistas abertas e informais. Em relação às produções textuais com uso da oralidade na escrita, levantou-se a preocupação obtida por observações em sala de aula. Pois a pesquisa qualitativa foi escolhida por ser mais descritiva e explicativa, esclarecendo algumas dúvidas e ressaltando atividades e qualidades encontradas, sendo que a mesma não trabalha com estatísticas, mas se utilizando da visão da realidade dentro da sociedade.

Segundo Vieira e Zouain, (2006) “A pesquisa qualitativa pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análise qualitativa, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados”. A pesquisa qualitativa se preocupa em observar o que está acontecendo ao redor, e o que poderia encontrar como resultado, ou para amenizar o problema encontrado em um devido âmbito. As autoras Silvera e Códova (2009), ressaltam que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representação numérica, mas, sim, com aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”

Salienta Denzin e Lincoln (2006), “A origem da pesquisa qualitativa está na sociologia, no estudo de vida de grupos humanos e na antropologia, com o início dos métodos de trabalho de campo”. O ambiente natural é o fator a ser observado, pois o presente trabalho destaca o uso da oralidade na escrita dos alunos, onde foi detectado que muitos dos entrevistados fazem uso incorreto da fala e da escrita, por influência da língua materna.

Godoy (1995) afirma que “a pesquisa qualitativa, apesar de ter sido utilizada com certa regularidade por antropólogo e sociólogos, só nos últimos trinta anos começou a ganhar reconhecimento em outras áreas, como a psicologia, a educação e a administração de empresas”. Para obtenção de resultados, foi preciso ter um processo analítico, onde os entrevistados e o entrevistador tiveram uma conversa informal, deixando os entrevistados à vontade para compartilhar os acontecimentos expressando suas emoções, pois não se podem ter implicações para atrapalhar o

processo do trabalho, uma vez que o mesmo pode ser bem elaborado e desenvolvido com compreensão e significados. Por tanto a abordagem qualitativa é presente, e de suma importância.

Esclarece o autor Godoy (1995, p. 58) “que a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”. Para abordagem positiva necessita-se de analisar a vida e o local de onde se desenvolve a pesquisa dos envolvidos em suas plenitudes e em seus momentos de tranquilidade, que é o necessário para que o trabalho aconteça de maneira informal com tranquilidade garantida e comportamentos reais.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

Local da pesquisa se encontra no município de Uruará- Pará, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará, localizada no centro urbano de Uruará, Estado do Pará, na Rua Vale do Xingu, 338, esquina com Av. Goiás. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará foi inaugurada no dia 24 de fevereiro de 1992. A Escola tem uma área de 5.000 m² sendo 3.500 m² construídos. Hoje em dia a escola conta com um laboratório de informática com acesso a internet, as salas da direção, secretaria, salas de orientação escolar e supervisão educacional e sala de professores todas com acesso a internet, além de uma quadra de esporte coberta.

Considerando que a escola foi sendo construída de acordo com as necessidades do município, pois conforme aumentava a quantidade de alunos, existia a necessidade de aumentar o número de salas de aula, desta forma, o pátio da escola foi prejudicado tendo em vista que com as construções ele foi reduzido gerando outros problemas, pois os educandos necessitam de espaço para se desenvolver física e socialmente. Atualmente a escola se encontra reformada com novos banheiros e salas arejadas, para que os funcionários e os alunos tenham um bom conforto, influenciando tanto no ensino quanto no aprendizado.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa realizada em âmbito escolar, os participantes da pesquisa foram os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, foram detectados problemas referentes à escrita e a leitura dos mesmos. Ao todo foram 20 alunos de uma única turma, 12 do sexo masculino e 08 do sexo feminino, alguns deles são paraenses, mas tem outros que vieram de diversos estados como do Maranhão e do Ceará, identificados na faixa etária de 11 a 13 anos, cujas identidades por questões éticas, serão mantidas em sigilo e nomeado por meio da nomenclatura Aluno 01, Aluno 02, Aluno 03 e etc.

3.4 COLETAS DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de uma redação e entrevista, junto aos alunos do 6º ano do Ensino fundamental, que sentem dificuldades com a produção escrita de textos de Língua Portuguesa, significando um processo semiformal de se obter informações por meio da escrita e da fala dos alunos. Foi entregue a eles um relato de viagem, onde os mesmos leram o relato, em seguida aplicou-se uma redação para que fizessem relatos de viagem deles com suas famílias.

Para que a pesquisa continuasse, foi realizada a entrevista na biblioteca da escola, onde entrava um aluno por vez e descrevia a viagem que foi percorrida na redação. As entrevistas com eles foram registradas em um celular, objetivando garantir a autenticidade dos entrevistados e foram transcritas conforme o que ia sendo ouvido no momento da entrevista.

A redação foi aplicada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará, no mês de outubro de 2018, no período de duas aulas de português com duração de quarenta e cinco minutos cada em sala de aula, com tempo de fazer a leitura do relato de viagem e depois fazer seus próprios relatos. Já a entrevista que foi realizada na biblioteca da escola, foi utilizada também o mesmo tempo de duas aulas. Foram feitas algumas perguntas sobre a viagem como: Para onde viajou? Com quem? O que você fez? Você gostou da viagem? Gostaria de voltar ao mesmo lugar?

Observou-se que os alunos se sentiram à vontade para contar como aconteceram suas viagens. Foi possível também perceber que os discentes se expressaram de formas bem positivas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas informações coletadas no campo, os alunos possuem certa distorção idade/série, no município, há um índice de reprovação muito grande, especialmente nas turmas de 6º anos. Faz-se necessário apresentar o gênero social, pois há diferenças nas produções orais e escritas entre homens e mulheres, perceptíveis nos discursos produzidos. Além de se identificar a naturalidade, pois as variações diatópicas possuem grande influência na produção oral e escrita dos participantes.

Durante a pesquisa foi apresentado relatos de viagens, logo após foi solicitado que cada um dos participantes da referida turma, fizessem uma redação que contasse uma viagem deles em outras localidades e nela relatasse como foram essas experiências, quais lembranças, e por que foram a este local etc. Ainda, para que houvesse um melhor entendimento, foi também realizada uma entrevista, gravada, para associar a fala e a escrita. Em que se percebe a relação abrangente de como fala e se escreve. Dando ainda, uma amplitude da presença da sociolinguística tão característica da fala, quando se trata ainda da maneira informal de falar, onde a presença da norma padrão e culta ainda não foram construídas e muito menos verbalizadas.

É importante ressaltar que existe uma presença marcante de variação linguística tanto na parte da redação escrita pelo alunos/alunas da turma de 6º ano, quanto como na parte da oralidade. Essa observação e constatação se dão quando realizada a análise de dados, lendo e ouvindo os relatos dos mesmos. Dentre os 20 discentes cujos quais, foram realizada a coleta de dados, e utilizadas aqui para a complementação da pesquisa, para o presente Trabalho de Conclusão de Curso, (TCC) percebe a necessidade de destacar algumas palavras tão frequentes na escrita e na fala dos mesmos.

4.1 TEXTOS DOS ALUNOS

Após os alunos entregarem as redações, os professores de Língua Portuguesa perceberam que os mesmos deixaram a desejar, demonstrando que hoje em dia, nas nossas escolas os alunos não estão mais se dedicando como antigamente, que entregavam redações organizadas como pediam os professores, com regras gramaticais ensinadas pelos mesmos.

Quadro 1 – Respostas dos alunos. Fonte: Dados da pesquisa (2018)

ALUNOS	TEXTOS DOS ALUNOS DO 6º ANO
ALUNO 01	“Um dia em uruara o meu pai mator um homem por calsa de um tapa na cara dele.”
ALUNO 02	“Um home e robou o noço dinheiro da casa.
ALUNO 03	“O professor do meu pai que tanbem e meu professor organisou uma viagem”.
ALUNO 04	“Eu fui pra Bahia lá é muito friu ”.
ALUNO 05	“Nossa viagem foi abemsoada por Deus vimos em cegonrassa em paiz .”
ALUNO 06	“Eu fui para Tocantins fui na praça mais a minha prima eu gostei muito foi legau e fui na meis de julho”.
ALUNO 07	“Em 2012 eu meu irmão meu pai e minha mãe fomos aum passeio em Minas Gerais”.
ALUNO 08	“Quando chegamos lá vó que morava lá foi logo nós abraçando nóis ”.
ALUNO 09	“uma vez fui viaja para altamira la eu fui na escolinha de futibol ”.
ALUNO 10	“ Editarde nos fomos para a casa da minha avó”.

Ao corrigir as redações, foram observados que realmente os alunos utilizam a oralidade dentro da escrita, muitos deles conseguem fazer a utilização da concordância verbal e nominal, mas outros ainda apresentam várias dificuldades como exemplo: “nois foi”, “comimo”, “passemos” e “cheguemo”. Diante disso, foram feito alguns levantamentos sobre a marca da oralidade na escrita sendo comparadas essas marcas com o que os teóricos, estudiosos e pesquisadores falam sobre este assunto em suas obras e pesquisas. “De “acordo com Aulete (2004) o correto seria escrever “nós fomos”, “comemos”, “passamos” e “chegamos”.

Esse problema vem sendo enfrentado, pois na Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará, as salas são superlotadas e possuindo alunos repetentes que muitas vezes não tem o acompanhamento da família em seu desenvolvimento escolar, isso provoca uma dificuldade maior no trabalho do professor, principalmente para o professor de língua portuguesa. Com toda essa

problemática os alunos perderam a vontade de ler, sendo que o conhecimento está nos livros.

Durante o processo de alfabetização é que se vai tendo o conhecimento da escrita, pronunciando as palavras corretamente, embora se tenha esse conhecimento, ainda há casos em que os alunos em suas produções textuais inserem palavras de acordo com a sua fala.

Durante a pesquisa foi possível identificar também algumas palavras escrita da forma como se fala, como exemplo, a palavra “noço” que nesse caso há substituição do “ss” pelo “ç” que foneticamente são iguais, enquanto gramaticalmente a palavra seria “nosso”, já na palavra “fumos” há a troca do “o” pelo “u”, isso porque na pronúncia das palavras o “o” tem som de “u”, e isso é bastante comum encontrar na escrita de alunos que ainda estão em processo de ensino aprendizagem.

Em outras produções textuais foi possível identificar a palavra “editarde”, na escrita dessa palavra ocorre o acréscimo de prefixo, sendo que essa expressão seria correta escrever “e à tarde”.

Do ponto de vista de Costa (2008), a escrita é um artifício que ocorre elaborada, pois quando se faz uso da escrita precisa elaborar o texto primeiramente na mente e depois passa-la para o papel, e exatamente nesse processo de transferência das ideias para o papel que o aluno encontra dificuldade, não somente de transmitir suas ideias e organizá-la, mas também em escrever as palavras corretamente de acordo com a gramática normativa. Então a escrita pode ser vista como uma conversa formal e que precisa seguir regras, diferentemente da fala. Além dessas expressões já citados acima, nas produções textuais dos alunos também se observou as palavras “loro”, “loça”, “robou”, diante disso é possível identificar a ausência dos ditongos nas palavras, isso é bastante notável na fala das pessoas, portanto a ausência do ditongo ocorre também na escrita.

[...] “em ditongos crescentes, por exemplo, já ficou comprovado que a variação é fortemente controlada por fatores estruturais cujas tendências se instalam desde o início disciplinadamente, de modo que em ‘peito’ e ‘lei’, por exemplo, não há variação, mas em ‘cadeira’ e ‘feijão’ pode haver.” (MOLICA, 2003, p.20).

Conforme Mollica (2003) existem palavras que quando proferida oralmente não ocorre à diminuição de ditongo, mais em outros em outras situações em que

pode haver a ausência desses ditongos de modo inquestionável. Observou-se ainda na produção escrita o acréscimo da vogal “i” nas palavras “meis” e “paiz”, que para os gramáticos é politicamente correto escrever “mês” e “país”.

Ainda ocorre situações em que os marcadores conversacionais são inseridos nos textos escritos com “hum”, “tá”, “num é”, “ai”, “lá”, além disso, com o avanço da tecnologia e das redes sociais em que as pessoas conversam de maneira informal através da escrita e ao produzirem um texto escrito na sala de aula ou em situações que se faz necessário o uso da escrita, os alunos tendem a escrever as palavras abreviadas, um exemplo disso são: “vc”, “pq”, “tbm”, “tá”, “vd”, “n”, essas abreviaturas correspondem as seguintes palavras “você”, “porque”, “também”, “está”, “vida”, “não”.

4.2 ENTREVISTA

Durante a pesquisa realizada através de entrevista gravada, pediu-se que os alunos contassem os mesmos relatos de viagens que eles escreveram em seus textos escritos em sala de aula.

Primeiro aluno: “(...) **ai** nois dia que nos tava saino de Uruará, **ai** nois saíno as vinte e três horas de Uruará, **ai** chegemo em Placas lá pelas uma da madrugada” (...).

Segundo aluno: “**ai di** tarde **nois foi** para a casa da **mia** tia passô o dia depois **nois foi** para o **riu di** tarde foi muito legal lá tem pé **di** cacau”...

Terceiro aluno: “um dia **nois fumo** para o sítio do meu vô, **i** de manhã **fumo tirá leiti** e depois bebimo, tava muito gostoso, mais tarde **arrenti** foi banhar no **riu**”.

Quarto aluno: “eu fui para Parintins pela primeira vez quando eu tinha **cinco ano**, em 2011 e foi em um dia muito chuvoso e quando **eu e mia mãe chegemo** em Parintins a gente foi direto para a casa da **mia e nois foi durmi**”.

Quinto aluno: (...) “**e ai** eu conheci uma menina chamada Luiza, **e ai** a mim apaixonei por ela, **e ai** um dia o pai dela descubriu que eu tava gostanu dela”.

Os alunos relataram na entrevista o que eles escreveram nas redações para que fosse feito uma comparação, entre a fala e a escrita. Durante a análise, em todos os áudios foram encontrados muitas palavras que são utilizadas tanto na fala quanto na escrita. Observou que os alunos entrevistados utilizaram em suas oralidades vícios de linguagem como “(...) **ai** nois dia que nos tava saino de Uruará,

ai nois saíno as vinte e três horas de Uruará, ai chegemo em Placas lá pelas uma da madrugada (...), na fala do aluno é possível identificar o vício de linguagem “ai” expressão essa que é usada na oralidade e que em alguns casos esses vícios de linguagem é passado para a escrita. Assim como também as palavras em gerúndio, pois tem a troca do “ndo” pelo “no”. Além disso, foi detectada ainda a redundância da palavra Uruará, assim como a falta de concordância verbal e nominal na oralidade do aluno.

Já na oralidade de outro aluno tem a seguinte fala *“ai di tarde nois foi para a casa da mia tia passô o dia depois nois foi para o riu di tarde foi muito legal lá tem pé di cacau”*... Diante do relato oral do referido aluno, observa-se a troca do “e” pelo “i”, pois em algumas palavras tem os sons parecidos, ainda há falta de concordância verbal “nois foi” que além de não ter essa concordância ainda tem a pronuncia do “i” no pronome “nós” que esse “nois” é falado tanto na oralidade quanto passado para a escrita e a repetição da preposição “di”.

Ainda na fala dos seguintes alunos: *“um dia nois fumo para o sitio do meu vô, i de manhã fumo tirá leiti e depois bebimo, tava muito gostoso, mais tarde arrenti foi banhar no riu”*. Assim como na fala dos alunos já citados acima, na oralidade desse aluno também tem a presença da troca do “e” pelo “i” como exemplo na palavra “leite” que ao ser escrita também há a troca do “e” pelo “i”, assim ficando escrita “leiti”, ainda tem a troca do “o” pelo “u” como em “fumo”, que gramaticalmente seria correto falar ou escrever “fomos”. Além disso, tem a falta de concordância verbal.

Nesse segmento, na fala do próximo aluno houve o seguinte relato, *“eu fui para Parintins pela primeira vez quando eu tinha cinco ano, em 2011 e foi em um dia muito chuvoso e quando eu e mia mãe chegemo em Parintins a gente foi direto para a casa da mia e nois foi durmi”*. Na oralidade desse aluno percebe-se uma dificuldade em fazer também a concordância verbal, ainda tem a confusão da ausência da terminação das palavras, e olhando na luz da gramática normativa o correto seria falar “minha mãe e eu chegamos” e não “eu e mia mãe chegemos”, nessa perspectiva, ainda possui dentro da linguagem desse aluno o acréscimo da vogal “i” dentro do pronome da primeira pessoa do plural “nós”, mas também possui a troca da vogal “o” pelo “u”.

Na fala do próximo aluno para ser analisado ele relata a sua viagem da seguinte maneira (...) *“e ai eu conheci uma menina chamada Luiza, e ai a mim*

apaixonei por ela, e ai um dia o pai dela descubriu que eu tava gostanu dela". Nota-se que na oralidade do aluno tem a presença do vício de linguagem "e ai", e possui a ausência do prefixo latino "es" como no verbo "estava" que na pronúncia da fala do aluno fica "tava" e do gerúndio na terminação da palavra "gostanu", que gramaticalmente é escrita e falada "gostando". Pelo fato de ser uma língua, é um produto social que pode gerar confusão no momento da escrita e da oralidade.

Percebe-se com essa análise, que as famílias desses alunos contribuem bastante em sua oralidade, a exemplo disso são os pais nordestinos que muitos deles, há alguns anos deixaram de estudar ou não tiveram oportunidade de ser alfabetizados e com isso, eles utilizam somente a língua materna, que perspectivadamente são transmitidas para seus filhos. Essas crianças ao frequentarem o âmbito escolar levam consigo a linguagem familiar.

Ortografia (norma padrão)	Pronúncia na fala
A gente	Arrente
Andando	Andano
Banhar	Banha
Causa	Calsa
Comemos	Comimos
Começou	Comeso
Comigo	Com migo
Chegamos	Cheguemos
De	Di
Dormir	Durmi
E à tarde	Editarde
Estava	Tava
Fomos	Fumo
Frio	Friu
Futebol	Futibol
Gostando	Gostano
Homem	Homi
Leite	Leiti
Loiro	Loro
Mês	Meis
Minha	Mia
Nós	Nois
Nós fomos	Nois foi
Pneu	Pineu
Roubou	Robou
Veio	Vei

Quadro 2 – Ortografia (norma padrão), pronúncia e fala. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Durante o processo da pesquisa de campo do presente trabalho na Escola Municipal de Ensino Fundamental Instituto Educacional Uruará, observou-se que, os

alunos em suas produções textuais escrevem palavras de acordo com sua pronúncia e não seguindo assim a gramática normativa, uma vez que de acordo com os autores Cereja e Magalhães (2005), a fala se difere da escrita, pois a fala é espontânea e para a sociolinguística não precisa seguir regras, se houver compreensão na linguagem de quem fala é considerada correta. Porém, é necessário entender que a escrita segue regras gramaticais.

A escrita é essencialmente um processo mecânico, sendo necessária a manipulação de um instrumento físico e a coordenação consciente de habilidades específicas motoras e cognitivas. Assim, a escrita é completa e irremediavelmente artificial, enquanto a fala é um processo natural, fazendo o uso dos meios assim chamado órgãos da fala (FÁVERO *et al*, 2002, p. 73-74).

Diante desse contexto, podemos observar que além da maneira caracterizada fortemente presencial tanto na escrita quanto na pronúncia, das mesmas palavras, em que estão bem visíveis na forma oral, em que podemos padronizar como sendo a influência exercida pelo meio social e familiar de convivência. Ou seja, ainda estes discentes não possuem uma formação e noção de uma norma culta padrão estabelecido e padronizada pelo professor.

Além disso, devemos lembrar que de certa maneira, os mesmos estão em seu direito de usar sua fala e sua escrita. Mas respeitando as regras da escrita e tendo o conhecimento da fala perante a gramática normativa com o direcionamento do professor em sala de aula, tirando suas dúvidas sobre a fala e a escrita. Neste contexto Brasil (2001, p. 39) complementa:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que apontam, há mais de uma década, para a incoerência dessas crenças, que embasa sua fundamentação e afirma que existe muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associadas às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática.

Porém, é certo dizer que a escola, mais precisamente o professor de Língua Portuguesa, deva desenvolver um projeto em sua turma, onde o mesmo tende valorizar tanto a maneira cultural de falar regionalizada, sendo que, somos de um país que é influenciado culturalmente por diferentes miscigenações, mas, também, desenvolver compassadamente a norma culta padrão. Pois, esta é a mais exigida e cobrada durante, por exemplo, nossa formação acadêmica. Afirmando, inclusive muito antes dessa.

Além disso, foi detectada nas produções escritas dos alunos pesquisado a falta de concordância verbal e nominal como, por exemplo, *“Eu fui para Tocantins fui à praça mais a minha prima eu gostei muito foi legau e **fui no meis** de julho”*. Na produção do aluno 06, percebe-se a falta de concordância verbal e nominal, além de pronúncias da fala, como também a troca do “L” pelo “U”, o acréscimo da vogal “i” e a repetição da palavra “fui”.

Diante dos resultados obtidos durante a pesquisa, verificou-se que é muito presente a fala dos alunos em suas escritas, e isso na maioria das vezes não é percebido pelos próprios alunos, que não tem hábito de praticar a escrita e a leitura no âmbito familiar e social.

5 CONCLUSÃO

A língua é um processo natural que ocorre ao longo da vida dos indivíduos, onde o principal alvo da linguagem é a comunicação, seja ela falada ou escrita e esses dois processos são os meios pelo qual a língua se materializa, e pelo fato da língua falada ser mais usada do que a linguagem escrita, a oralidade tem certa predominância sobre a produção textual dos alunos durante a produção de uma redação ou qualquer outra tipologia textual.

Esta pesquisa tinha como proposta, analisar as marcas de oralidade presentes nas produções escritas, para que se comprovasse que a escrita não é da mesma maneira que a oralidade. Durante a análise percebeu-se que os alunos têm muita influência da língua materna, conforme o estado em que os pais dos mesmos foram criados, com isso foi notado que se faz bem presente a cultura regionalista, palavras que não são utilizadas na linguagem paraense.

A maior influência recebida é do nordeste, onde as pessoas tinham dificuldades de frequentarem a escola, então era falado e ensinado apenas o que se aprendia em casa com seus familiares. Além disso, a maioria dos alunos pesquisados não possui domínio sobre a escrita, e nem possuem o conhecimento de que apesar da fala e escrita andarem juntas, ambas têm suas particularidades, a fala é espontânea e a escrita deve ser elaborada antes de ser escrita.

Nessa perspectiva, os alunos tendem a confundirem o som de algumas vogais, sílabas e dígrafos, e as marcas da oralidade são bastantes presentes em suas produções textuais, como também os vícios de linguagem, redundâncias e repetições de palavras, isso faz com que os textos tenham uma pobreza vocabular.

Diante disso, torna-se necessário apontar meios para resolver esta dificuldade dentro da sala de aula. Com práticas de leitura e atividades explicando sobre as devidas diferenças entre oralidade e a escrita. E mostrando como escrever as palavras corretamente, para que os discentes desenvolvam redações expressando-se de forma em que o texto não tenha mais palavras com marcas de oralidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Roberto. **Análise da conversação como metodologia para investigação dos processos comunicativos. Ecomig – I Encontro dos Programas de Pós-graduação em Comunicação de Minas Gerais.** PUC- Minas, Belo Horizonte, junho de 2008.
- ANGELA, Marina e PALOMANES, Roza. **Práticas de Ensino de Bravin.** Editora contexto- 2012.
- ARAUJO, Lucia kuchenbecker. **Mundo da educação: Níveis de linguagem: mundo da educação.** 2009.
- AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- CASAGRANDE, Guimarães couto Fernanda. **Língua falada e língua escrita; uma proposta didática para as aulas de portuguesa.** 2008.
- CEREJA, Willian Roberto. MAGALHÃES. **Português: Linguagem.** 5 ed. São Paulo: Atual, 2005.
- COACHAMAN, Erika de Freitas. **Língua vulgar: questão cultura.** Rio de Janeiro. 2009.
- COSTA, Sheila Cristina. **A aplicabilidade das máximas conversacionais nas perguntas cotidianas.** UNIPAN, 2008.
- DENZIN, N, K e LINCOLN. H. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** 2006.
- DIONISIO, Ângela Paiva, **Multimodalidade discursiva.** 2 ed. 2007.
- FAIRCLOUGH, **Análise da conversa,** UNB: 2008.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectiva para ensino de língua materna.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FIORIN, José Luís. **A língua humana: do mito À ciência.** In: **Linguística? O que é isso?.** São Paulo: contexto: 2013.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GODOY, A. S. A. **Pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas.** São Paulo. 1995.
- JATOBÁ, Júlio Reis, ZHENHONG e XU. **Marcadores conversacionais.** 2013.

LEÃO, Luciana Braga Carneiro. **Implicaturas e a evolução das máximas conversacionais**: uma análise do humor em tirinhas. UFF. 2013.

LOPES, Luana. **Níveis de linguagem: língua portuguesa**. 2007.

LOURENÇO, Dayse de Souza. **Marcadores conversacionais**. 2013.

MARCUCHI, Luiz Antônio. **Análise de textos orais**. 5 ed. Ática. 2003.

MARCUCHI, Luíz Antônio. DIONISIO, Angela Paiva. (orgs.) **Fala e Escrita**. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

MATIAS- PEREIRA, José. **Manual da metodologia**. - São Paulo: Atlas, 2007.

MATOS E SILVA, Rosa Virginia. **Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa cadernos de Letras UFF-**. Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 11-30. 2008 (UFBA).

MAXWELL. **Análise da conversação**. URAC - PUC – RIO. 2015.

MCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. UFSC. Florianópolis. 2009.

MELO de Alessandro. URBANETS, Sandra Terezinha. **Trabalho de conclusão em pedagogia**. Curitiba, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: contexto, 2003.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua portuguesa/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental**. 3. D. Brasília: A secretaria, 2001.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4 edição. 1999.

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Damila. **Análise da conversa**. vol. 7. 2009.

SILVA, Debora. **Níveis de linguagem**. 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓDOVA, Fernanda Peixoto. **Métodos de pesquisa coordenados pela Universidade Aberta do Brasil**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

VALLIN, **Níveis de linguagem**. 2010.

VIEIRA, M. M. F, ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração**. 2 ed. Rio de Janeiro; FGV, 2006.